

FÉ E RESISTÊNCIA

RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA EM BOA VISTA/RR

Monalisa Pavonne Oliveira
Larissa Marla de Almeida Guimarães
Tiago Siqueira Rels
Amarildo Ferrelra Júnior
Carlos Alberto de Souza Fournier
Marla Luciana Furtado Pereira
Marla das Graças Furtado Pereira
Júlio Cesar dos Santos
Mário dos Santos Mala
José Soares Filho
Delmiro José Carvalho Freltas
Orlandina de Matos Farias
Nelcy Leon Ladislau
María de Fátima Pereira Aragão
Antônia Marla da Concelção Lima
Everton da Costa Pimentel
Jéssica Carvalho Guimarães
Mariangela Agular de Oliveira
Raíssa Nathana Freltas Batista



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

REITOR

Jefferson Fernandes do Nascimento

VICE-REITOR

Américo Alves de Lyra Júnior

EDITORA DA UFRR

Diretor da EDUFRR

Cezário Paulino B. de Queiroz

CONSELHO EDITORIAL

Alcir Gursen de Miranda

Anderson dos Santos Paiva

Bianca Jorge Sequeira Costa

Fabio Luiz de Arruda Herrig

Georgia Patrícia Ferko da Silva

Guido Nunes Lopes

José Ivanildo de Lima

José Manuel Flores Lopes

Luiza Câmara Beserra Neta

Núbia Abrantes Gomes

Rafael Assumpção Rocha

Rickson Rios Figueira

Rileuda de Sena Rebouças

Editora da Universidade Federal de Roraima
Campos do Paricarana – Av. Cap. Ene Garcez, 2413,
Aeroporto – CEP: 69.310-000. Boa Vista – RR – Brasil
e-mail: editora@ufr.br / editoraufrr@gmail.com
Fone: + 55 95 3621 3111

A Editora da UFRR é filiada à:



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

FÉ E RESISTÊNCIA
RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANA E AFRO-BRASILEIRAS EM BOA VISTA/RR

Monalisa Pavonne Oliveira
Larissa Maria de Almeida Guimarães
Tiago Siqueira Reis
Amarildo Ferreira Júnior
Carlos Alberto de Souza Fournier
Maria Luciana Furtado Pereira
Maria das Graças Furtado Pereira
Júlio Cesar dos Santos
Mário dos Santos Maia
José Soares Filho
Delmiro José Carvalho Freitas
Orlandina de Matos Farias
Nelcy Leon Ladislau
Maria de Fátima Pereira Aragão
Antônia Maria da Conceição Lima
Everton da Costa Pimentel
Jéssica Carvalho Guimarães
Mariangela Aguiar de Oliveira
Raíssa Nathana Freitas Batista



EDUFRR
Boa Vista - RR
2020

Copyright © 2020

Editora da Universidade Federal de Roraima

Todos os direitos reservados ao autor, na forma da Lei.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Projeto Gráfico

George Brendom Pereira dos Santos

Capa

Matheus de Oliveira Vieira (Imagem Valmik Mota)

Diagramação

George Brendom Pereira dos Santos

Tratamento de imagens

Paulo DeCarvalho

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

F288 Fé e resistência : religiões de matrizes africana e afro-brasileira em
Boa Vista/RR / Monalisa Pavonne Oliveira ... [et al.]. – Boa Vista :
Editora da UFRR, 2020.

135 p. : il.

ISBN: 978-85-8288-226-9

1 - Religião. 2 - Matriz afrorreligiosa. 3 - Fé. 4 - Resistência. 5 - Comunidades
de matriz africana em Boa Vista. I - Título. II - Oliveira, Monalisa Pavonne.

CDU - 299.6(811.4)

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária/Documentalista:
Maria de Fátima Andrade Costa - CRB-11/453-AM

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é
de exclusiva responsabilidade dos autores

FÉ E RESISTÊNCIA
RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA EM BOA VISTA/RR

Autores e Autoras

Monalisa Pavonne Oliveira - Larissa Maria de Almeida Guimarães - Tiago Siqueira Reis - Amarildo Ferreira Júnior
Carlos Alberto de Souza Fournier - Maria Luciana Furtado Pereira - Maria das Graças Furtado Pereira - Júlio Cesar dos Santos
Mário dos Santos Maia - José Soares Filho - Delmiro José Carvalho Freitas - Orlandina de Matos Farias - Nelcy Leon Ladislau
Maria de Fátima Pereira Aragão - Antônia Maria da Conceição Lima - Everton da Costa Pimentel - Jéssica Carvalho Guimarães
Mariangela Aguiar de Oliveira - Raíssa Nathana Freitas Batista

Este projeto foi realizado pela Universidade Federal de Roraima, com recurso financeiro do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, por meio do Termo de Execução Descentralizada nº 01/2018.

Superintendência do IPHAN em Roraima

Norami Rotava Faitão

Chefe de Divisão Técnica

Sandra Regina Demétrio da Silva

Supervisão Técnica

Larissa Maria de Almeida Guimarães

Coordenação do Projeto (UFRR)

Monalisa Pavonne Oliveira

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO IPHAN-RR 07

APRESENTAÇÃO 09

CAPÍTULO 1 12
Ábassà D'Angola Táta Bokulê

CAPÍTULO 2 23
Ilê Asè D'Ya Kavullekin

CAPÍTULO 3 33
Ilê Asé Obá D'Alaguinã

CAPÍTULO 4 48
Ilê Asè Omô Erinlè

CAPÍTULO 5 59
Ilê Axé Yapá Omimladê

CAPÍTULO 6 71
Ilê Asé YèYe Omi Tuntun

CAPÍTULO 7 83
Ilê Asé Yewalê Bemy Ti'Yemonja

CAPÍTULO 8 96
Oyá Gambele

CAPÍTULO 9 104
Templo de Umbanda Ogum Yara

CAPÍTULO 10 115
Terreiro de São Jorge

CAPÍTULO 11 125
Terreiro Ogum de Ronda

EQUIPE 133

APRESENTAÇÃO IPHAN-RR

O Projeto “*Ações de Identificação de Comunidades de Matriz Africana em Boa Vista*” sintetiza em uma linha um árduo trabalho de longos anos, uma jornada que se iniciou muito antes de qualquer instituição governamental se debruçar sobre o assunto de forma estruturada, dialógica e propositiva. Vem das reminiscências/resistências da população e de comunidades de matriz afrorreligiosa, que em constante (muitas vezes conflituoso) contato com o Estado, buscou nas investidas promover a inversão, a suplantação de um processo histórico e social de silenciamento.

Este fenômeno – assim qualificamos pelo seu aspecto sedicioso – fincou raízes em esferas múltiplas tanto na construção e difusão de conhecimentos tradicionais de populações, quanto na maior inserção no seio administrativo, reconfigurando assim a própria “participação social” no planejamento e execução de ações que visem não apenas contemplar, mas especialmente incluir agentes outros que advenham destes espaços de interlocução, extrapolando os limites burocráticos estatais. Mesmo que o caminho nos leve a um espiral de negociações de interesses e tentativas exaustivas de atender a universos tão múltiplos (como se o direito de Estado não se definisse também pelos cidadãos de direito), é no espiral que as forças se renovam. O espiral é o caminho para que novas encruzilhadas promovam novos encontros.

Nesses novos encontros, a Superintendência do IPHAN em Roraima (IPHAN/RR) junto à Universidade Federal de Roraima (UFRR), com o apoio da Associação de Umbanda,

Ameríndios e Cultos Afro-Brasileiros de Roraima (ASUA-ER), empreendeu o projeto para identificação de casas religiosas de matriz africana e afro-brasileira (por vezes referenciadas como “terreiros” ou “templos religiosos”) no município de Boa Vista, capital do estado de Roraima, no intuito de atender a uma demanda iminente por parte da sociedade civil, um largo diálogo que tomava corpo de forma mais ampla e sólida junto a representantes e lideranças afrorreligiosas na política nacional. Junta-se a este processo a constituição de conselhos, grupos e outros espaços coletivos, consultivos e deliberativos.

O Decreto nº 8.750/2006 institui o Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais, órgão colegiado de caráter consultivo integrante do então Ministério dos Direitos Humanos. Dos 49 membros titulares, eleitos por meio de edital público, era assegurada uma vaga para 29 segmentos, sendo um destes “*povos e comunidades de terreiro/povos e comunidades de matriz africana*”.

Em 2007, o Governo Federal institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, por meio do Decreto nº 6.040/2007. Dentre os instrumentos para sua implementação, estão os Planos de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

O I Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana (2013-2015) resultou em indicação de diretrizes, metas e

ações construídas e dialogadas no Grupo de Trabalho Intermunicipal, instituído pela Portaria nº 138/2012 da SEPPIR (Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial-PR). Damos maior enfoque ao segundo eixo do Plano, *Territorialidade e Cultura*, eixo que agrega as ações sobre salvaguarda, valorização e divulgação do patrimônio cultural dos povos e comunidades tradicionais de matriz africana, bem como aos projetos voltados para o mapeamento das casas tradicionais.

Entre os anos de 2016 e 2018, o IPHAN/RR realizou um primeiro mapeamento das casas de matriz afrorreligiosa, por meio da identificação de seus locais e de suas lideranças. Seguiu-se a este projeto (entre 2018 e 2019), a identificação das referências culturais em terreiros já mapeados. Os resultados destas etapas estão aqui sintetizados, mas não de forma sintética. Sintetizados, pois as cosmologias das religiões africanas e afro-brasileiras não podem ser encerradas em algumas centenas de páginas de um livro. A oralidade suplanta a escrita. Entretanto, a escrita deste livro é a própria oralidade, a partir de falas de pais e mães de santo de tradições e nações diversas. Os autores deste livro são os detentores do sagrado, dos saberes, dos modos de expressão, dos ofícios e ritos das casas.

Buscamos com este trabalho fazer com que estas falas saíssem do silenciamento estrutural e de ruídos institucionalizados. Há muita ciência nas próximas páginas, uma ciência que escapa dos significantes ocidentalizados. Preparem-se para sair do lugar comum, pois não há universalismo que abarque e generalize o conhecimento daqueles que contribuíram para este livro – e que contribuem para tantos e tantos

trabalhos. Almejamos então, com esta publicação, promover o respeito e o reconhecimento da diversidade cultural em seus múltiplos aspectos (religioso, político, social, jurídico), enquanto constituinte da herança cultural do Brasil e, logo, do patrimônio histórico e artístico brasileiro.

Larissa Guimarães

Antropóloga no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em Roraima

APRESENTAÇÃO

A presente publicação traduz-se em um dos resultados do projeto “História e Memória: produção do inventário participativo das comunidades de religiosidade de matriz africana e afro-brasileira mapeadas pelo IPHAN/RR entre os anos de 2016 e 2018, em Boa Vista/RR”.

Fé e Resistência: religiões de matrizes africana e afro-brasileira em Boa Vista/RR é a materialização de um esforço conjunto de apresentar ao público em geral uma história obscurecida na história de Roraima, a luta e resistência das religiões de matrizes africana e afro-brasileira, a partir de uma abordagem horizontal realizada a muitos pares de mãos. Sendo assim, buscou-se evidenciar a história e constituição de templos de umbanda e candomblé já formados e os que estão em processo de formação a partir da narrativa de suas lideranças.

Este trabalho coaduna-se com uma primeira proposta, a do Mapeamento socioeconômico e cultural com povos e comunidades tradicionais de matriz africana¹ realizado por Jefferson Dias, no âmbito do Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, oferecido IPHAN, que empreendeu à identificação e mapeamento das casas e terreiros de religiões de matrizes africana e afro-brasileira, inscrevendo-se como um desdobramento deste trabalho pioneiro, pois cooperaram com a presente obra parte das comunidades inicialmente cadastradas.

¹ O mapeamento encontra-se disponível na Superintendência do IPHAN/RR.

Contamos nesta publicação com a participação de onze comunidades que se disponibilizaram a contribuir com projeto, abrindo suas casas e recebendo-nos com muito carinho e consideração. No entanto, reconhecemos que há muitas outras casas na cidade de Boa Vista e estado de Roraima, mas que por uma questão de limites relacionados a tempo, recursos humanos e financeiros etc., não nos foi possível contemplar um número maior de comunidades.

Na tentativa de estabelecer uma relação simétrica e democrática, nos colocamos como instrumento que viabilizasse que as histórias das casas fossem contadas por suas lideranças e comunidade, complementando o primeiro esforço de identificação e sistematização das informações a partir das narrativas cedidas, principalmente pelos (as) responsáveis por cada um dos espaços por onde passamos.

As narrativas foram recolhidas através de um roteiro elaborado por uma equipe formada por: pesquisadores colaboradores voluntários, graduandos assistentes de pesquisa bolsistas e voluntários, fiscal do projeto e pesquisadora e a coordenação do projeto. Muito embora houvesse um fio condutor, o roteiro exerceu uma função de instigar o diálogo, e não a de um questionário propriamente dito, desse modo, as experiências relatadas tomaram caminhos distintos com interlocutores diferentes, ultrapassando em grande medida os eixos norteadores das conversas revelando a riqueza e a diversidade da história de cada casa, que confundem-se com a história recente da cidade de Boa Vista e a construção do

estado de Roraima, criado em 1988 pela Constituição Federal Brasileira promulgada no mesmo ano.

As conversas contaram com os seguintes eixos norteadores: Qual a tradição ou nação do terreiro/ casa?; Pedir para contar a história do terreiro/ casa; Contar como foi o processo para se tornar mãe/ pai de santo?; Como a casa/ terreiro se organiza, inclusive hierarquicamente (cargos)?; Qual o funcionamento (dinâmica interna) do terreiro/ casa?; Ritos e celebrações (quando, pessoas envolvidas, comida, material etc); Manutenção do terreiro/ casa; Manutenção dos ritos; Diálogo com os poderes públicos (pode ou não ser feita); Relação do terreiro/ casa com a comunidade; Como as crianças e/ou adolescentes iniciados (as) são recebidas na escola e outros espaços?; Como os terreiros/ casa tratam essa questão?; Apontar possibilidades para enfrentar as dificuldades.

O livro está estruturado em onze capítulos que foram elaborados no intuito de valorizar os depoimentos compilados nas conversas, sendo cada um deles referente à uma casa específica e dispostos em ordem alfabética: Ábassà D'Angola Táta Bokulê, Ilê Asè D'Ya Kavullekin, Ilê Asé Obá D'Alaguinã, Ilê Asè Omô Erinlè, Ilé Axé Yapá Omimladê, Ilé Asé YèYe Omi Tuntun, Ilê Asé Yewalê Bemy Ti'Yemonja, Oyá Gambele, Templo de Umbanda Ogum Yara, Terreiro de São Jorge, Terreiro Ogum de Ronda.

Esperamos que esta publicação possa contribuir com trabalhos e pesquisas futuras e, especialmente, que contemple as comunidades envolvidas.

Agradecemos a todas das casas, comunidade e lideranças que nos receberam, e à dedicação de toda a equipe que participou da confecção deste material.

Desejamos uma ótima leitura!

Boa Vista/RR, 24 de setembro de 2019.

Monalisa Pavonne Oliveira.
Coordenação do Projeto.



Fotografia: Ábassà D'Angola Táta Bokulé. Valmik Mota, 2019.

CAPÍTULO 1

Ábassà D'Angola Táta Bokulê



Fotografia: Tãtá N'Kise Bokulê, Carlos Alberto de Souza Fournier Filho. Valmik Mota, 2019.

O meu nome social é Carlos Alberto Fournier, meu nome religioso é Táta Bokulê, sou da nação Angola, sou do axé Tumba Junsara e nossa casa chama-se Ábassà D'Angola Táta Bokulê.

Eu não tinha casa de santo porque eu frequentava a casa do meu Pai de santo e meu zelador. Meu Zelador viu a necessidade de vir aqui para Roraima cuidar de algumas pessoas e ele me trouxe para ajudá-lo. E nessa questão de ajudá-lo e nessas obrigações das pessoas daqui que eu fui conhecendo

várias outras pessoas e fazendo amizade. Inclusive uma delas é a Mãe Jane, que está aqui ao meu lado. Então retornamos para o Amazonas. No Amazonas, as pessoas que eu conheci aqui tiveram necessidade da minha ajuda espiritual, e eu vim. Foi nesse intermeio que o meu pai faleceu no Amazonas, então eu permaneci em Roraima e abri a casa para poder socorrer quem necessitava e de quem ele cuidava. Ele não podia mais, pois havia falecido, então comecei a cuidar das pessoas que ele cuidava. A casa foi aberta no dia 17 de novembro de 1989.

Sou amazonense, filho de amazonense e neto de rio-grandense, mas fui iniciado no Amazonas, na cidade de Manaus, onde era o candomblé do meu pai de santo, ele era baiano, veio da Bahia para Boa Vista. Ele veio da Bahia para o Rio de Janeiro, do Rio de Janeiro ele foi para Brasília, de Brasília, na época da ditadura, ele veio para cá para ser militar em Boa Vista e daqui ele ingressou para o Amazonas, que foi onde abriu sua casa.

Minha família toda já vem de uma descendência tanto de Umbanda quanto dos povos de Mina, povo de Mina Nagô. Minha mãe é mineira, mas não do estado de Minas Gerais, mineira da região de Mina, que é como chamamos o povo do Maranhão. Eu tive contato com a Angola na Amazônia, em 1984, através de uma senhora chamada Dora Baiana, que era feita no candomblé, na nação de Angola. Ela me apresentou



Fotografia: Tatá Bokulé, Makota Lombodiademú (Mãe Jane) e Kota Mutalójí (Mãe Janaina). Valmik Mota, 2019.

a matriz africana, da qual começou a me agradar e comecei a frequentar, até que em agosto de 1985 entrei para o candomblé. Como a gente fala comumente, raspei a cabeça e fiz o meu santo. Você perde o cabelo quando inicia porque nasce, você retorna ao seio da mãe África, todos nós que somos de candomblé. Porque no seu nascedouro, você era filho da mãe África, para a mãe África te reconhecer tem que voltar para o útero dela e ninguém fica no útero de cabelo. Até quando você nasce o cabelo vai espantar quando sai. Na verdade, eu me iniciei para o inquice que na língua original são os orixás, na língua Iorubá.

Eu me iniciei para o inquice no dia 10 de agosto de 1985 na Casa de Seu José Falcão Real, mais conhecido como Tâtá Mutalémblè. E de lá para cá vim processando e professando essa fé até hoje. Como toda família, aqui tem o pai e a mãe, que são os donos principais de uma família, a nossa tradição também tem esse procedimento. O iniciado frequenta a nossa casa, ele tem um conhecimento da nossa religião, ele tem um conhecimento da nossa doutrina, ele tem todo um aprendizado. Ele é o que chamamos de recolher, ou seja, ele entra para o recolhimento para ter o aprendizado interno. Nós consideramos a data de 21 dias para poder ficar recolhido dentro do terreiro conhecendo as pessoas e tendo todo esse aprendizado. Logo após a sua saída tem as festas que são para toda a população, para o povo de fora saber que ele faz parte da casa, que ele é iniciado naquela casa e que faz parte do corpo religioso da casa. Temos nossas obrigações, que na verdade podemos chamar de aprendizado, é o que a gente pode considerar até como um ensino fundamental. Ele vai do primeiro, o segundo



Fotografia: Barracão. Valmik Mota, 2019.

ano de aprendizado, o terceiro ano de aprendizado, o quarto, o quinto, o sexto e o sétimo. No sétimo ano de aprendizado ele ganha o direito de ser dono da vida espiritual dele. Como nós somos angoleiros, ele é considerado um Kota, ou seja, aquele que tem idade acima dos outros, sete anos acima dos outros.

RITUAIS E CELEBRAÇÕES

As casas de Angola, como um todo, são gerais no Brasil. Temos as festas principais no mês de agosto, teremos a Kukuana que significa a festa da terra para o rei, quando louvamos Obaluaê, o grande rei da terra, o senhor defensor da malária, o senhor defensor da caxumba, o senhor defensor



Fotografia: Roda do Nguzu (Axé). Yolanda Simone S. Mêne.

da varíola, o senhor defensor da catapora e do sarampo. É o homem que nos defende das doenças ruins, que antes na África eram conhecidas como pestes que dizimavam um monte de pessoas, então fazemos o culto a Obaluaê. E no dia dessa festa maravilhosa que acontece em agosto, você traz todas as comidas dedicadas ao Orixá no salão para o povo participar dessa festa, desse banquete.

Outubro nós dedicamos todas as festas para Oxumaré ou Angorô, que é o senhor que fez o pacto das terras para nunca mais ficarem alagadas. Então toda vez que chove, que quer alagar, ele vem e desce na forma de um arco-íris, chupa a água e leva de volta para as nuvens de novo. Em novembro volto para o sincretismo, nos igualamos as festas dos ancestrais porque são os mortos. Vamos fazer os Bakulos para os Bakulos, que são os nossos ancestrais já desencarnados. Não só os ancestrais que estão na África, mas os nossos que já foram embora daqui, os participantes da nossa roda, os frequentadores, os iniciados no nosso caminho são os Bokulos. São os nossos ancestrais, são aqueles que devemos honrar, que não morreram. O corpo foi embora, mas eles continuam aqui vivendo conosco, os ensinamentos vão continuar, vai sempre lembrar a mãe fulano que nos ensinou isso, o pai ciclano que nos ensinou isso.

Vamos para janeiro, nós dedicamos a Oxóssi, o grande senhor da caça. Que pelo sincretismo é São Sebastião e para nós, nação angola, é Mutalambô. O grande senhor da caça, aquele que nos traz prosperidade, aquele que é do dono da fatura, o grande, o dia do caçador. Em julho nos dedicamos aos ancestrais pioneiros, os primeiros que começaram a terra, que são os Exús, os Mizilas, os Barais.



Fotografia: Nkise Tawamin manifestado no Mona Nkise Tawalesi (Júlio). Yolanda Simone S. Mêne.



Fotografia: Tata Bokulé e seu Pai de Santo Tatá Dunduregi. Yolanda Simone S. Mêne.



Fotografia: Monas Nkíses, Kaiangingulê (Mônica), Makota Kinanseji (Mãe Simone), Danda-Semin (Rita) e Kanjandirê (Núbia). Yolanda Simone S. Mêne.

NOVAS GERAÇÕES

Jannayna, mitoloji iniciou no candomblé quando tinha 12 anos de idade, você sabe que o candomblé raspa a cabeça, ele derruba o cabelo. E ela sofreu na escola, ela estudava numa escola agitada que era o Colégio São José. Então os meninos chamavam de gorda, que ela sempre foi cheinha, diziam: “lá vai a gorda, lá vai a gorda macumbeira”. É porque ela nunca teve nenhum tipo de preconceito, até porque foi iniciada dentro de casa, ela sempre escutou, sempre viu a nossa luta, ela conhece e entende o inquite. Ela não se afrontou, ela bateu e botava para cima, nós fomos chamados diversas vezes na escola porque ela metia a porrada nos meninos e o pau cantava e nós íamos lá, porque queriam expulsar. Aí ficou nessa de vai para justiça ou não vai para justiça, até que ela se formou e nós a trouxemos de volta. Porque ela aprendeu desde cedo que negro é resistência, se tu baixa a cabeça as pessoas te montam. Então ela entendeu que era resistência, superou.

Outra foi minha neta Dandara, que estudava no João Mendes. Logo que começou a Lei 10.639/2003 (que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira dentro das disciplinas que já fazem parte das grades curriculares do ensino fundamental e médio) a professora tentou dar uma aula de história africana. Achei interessante, achei até lindo, ela disse assim: “vô, amanhã vai ter aula de história africana na minha escola”. Teve a aula e dois dias depois fomos chamados e a mãe dela foi lá. Na hora de dar a aula para contar a história da África, a professora muito

inteligente, que entende bem da história africana, disse: “vamos contar a história de Ossain Katendê”. Ossain Katendê é o orixá que cuida das folhas, ele que carrega as cabaças, aquelas que chamam de muringas, ele carrega dentro das cabaças, onde tem o sumo das folhas que ele dá para as pessoas, para a saúde, é remédio. Ela começou muito bem e depois seguiu: “mas vocês conhecem Ossain? Ossain é aquele neguinho que usa chapeuzinho vermelho, tem um cachimbo e não tem uma perna”.

Ótimo, achei lindo e a gente vai louvar, então minha neta virou e falou assim: “desculpa professora, mas a senhora está falando do Saci Pererê, ele não é Ossain. Ossain tem duas pernas e ele usa capacete de folhas e é o senhor das ervas, todo o povo de candomblé conhece ele, eu sou can-



Fotografia: Cadeira de Pai em frente ao Sabají. Valmik Mota, 2019.

domblecista”. Ela falou na frente de todos e foi levada para onde? Para a direção e porque desacatou a professora. Aí lá vai nós que somos abusados e abusivos, dar uma aula para a direção sobre o que era Ossain. Saímos de lá com um pedido de desculpas maravilhosas e depois ela continuou falando do candomblé dela na escola.

Antes disso ela já tinha histórico, por isso é bom pegar os seus mais novos e ensinar de onde vieram. Na cantiga de Cristo era “a paz do senhor” quando chegavam para a professora, e quando chegou a vez dela, minha neta, ela disse: “é axé”. Então a professora perguntou por que, e ela respondeu: “porque na minha casa paz do senhor é axé”. Vamos estar sempre empoderados, conhecedor do nosso poder e do nosso espaço para essas coisas não acontecerem.



Fotografia: Casa dos Caboclos. Valmik Mota, 2019.

CONVÍVIO, RESISTÊNCIA E CAMINHOS

A gente sabe que a nossa religião, e é de conhecimento de todos, foi de oralidade. Hoje você até percebe alguns livros fazendo algumas menções devido a essa influência que estamos tendo, devido a esse contato com a África. Porque o único contato que tínhamos com a África era com a chibata que vinha debaixo dos navios. Era o único contato que nós, descendentes de africanos, entediamos. Que apanhou, que chegou apanhado, quebrou, matou, morreu, que foi amarrado no pelourinho. O que a gente entendia como a nossa religião, era o que passavam os avós para os filhos, os filhos para os netos, os netos para os bisnetos. Então tudo era oralidade, tudo era oral, mas nós não deixamos morrer. Hoje nós temos uma vivência, que muitos de nós já foram para a África reconhecer a casa mãe, reconhecer a terra mãe, estão trazendo as novidades. Tanto que aqui o africano costuma dizer que o candomblé é brasileiro, porque não tem candomblé na África. A África, ela louva os inquices, louva o vodum, ela louva o orixá, mas cada qual na sua aldeia. Quem é de Ogum é na aldeia de Ogum, quem é de Oxóssi é na aldeia de Oxóssi, quem é de Zamba é na aldeia de Zamba. E aqui é o único lugar que eles viram que reuniu todo mundo numa casa só, que foi o Brasil. Eu chamo isso de necessidade de sobrevivência, nos mantém como um ponto de resistência.

Eu costumo dizer que nem tudo é intolerância, mas tudo é dificuldade, por exemplo, nos nossos rituais não temos horas para começar e nem para terminar, já aqui temos que fazer isso. A África, ela é livre, o que hoje eu faço fechado em mi-

nha casa, na África nós fazemos na praça. As festas são nas praças e aqui a gente tem dificuldade desse movimento da gente poder ter essa liberdade de cultivar dentro dessa prisão que nós vivemos que são os horários que temos que cumprir.

Eu não posso tocar meu atabaque até meia noite que meu vizinho já manda chamar o meio ambiente. Eu nunca poderei fazer os sacrifícios para os meus orixás ali na praça, que vão me chamar o IBAMA para ver se tem o negócio da Vigilância Sanitária na carne e vão me chamar de doido. Quer dizer, dificuldades nós temos, mas nós estamos quebrando barreiras, é para isso que somos negros de resistência e ponto de resistência. Não só de cultura, nós somos só ponto de cultura não, somos pontos de resistência também. Se é para ir para a luta, então vamos para lá.

As nossas casas hoje, a maioria já tem CNPJ, já se registrou para ser uma entidade física e jurídica, que é justamente para a gente poder se empoderar e está empoderado do que a gente tem que entender e sair em defesa disso. Dificuldade nós vamos ter sempre, vamos ter sempre. Porque o que não é comum é côncavo, não é convexo.

Nós entendemos que aqui no estado de Roraima estamos atrasadíssimos com esse diálogo. No Brasil, para fora a partir do Amazonas já tem outro diálogo que a gente ainda não conhece aqui. Até hoje não conseguimos instaurar, implantar, implementar o Conselho de Igualdade Racial. E agora com esse governo que está aí, que eu nem vou usar o nome de golpista, como o pessoal gosta de usar, um novo governo que foi eleito pela gente. Ele tem um diálogo diferenciado quando ele pega a CEPPIR (Conselho Estadual da Promoção da Igualdade Racial) e tira de status de ministério e reduz

a um departamento, a uma secretaria sem nenhum prestígio financeiro. A partir da história de uma secretaria que vai tomar conta de uma população negra e que não tem prestígio financeiro, ela vai fazer o quê? Assim você diz, isso vai para Brasília, e quando chega aqui piorou.

O negro é quem mais tem doenças direcionadas, como a anemia falciforme negra. O glaucoma, o maior índice de glaucoma é em negro. O maior índice de mortalidade infantil é negro. O maior índice de morte nas maternidades é nas negras. Porque tem aquela teoria que negra é parideira, e é só

deixar ela com os quartos abertos e parir, até ela se lascar e vai embora para uma hemorragia. E daí você vê que nós não temos nada ainda com o poder público em nos diferenciar, não vê diferença. Quando fala em emprego, tem um ditado que eu acho interessante, pejorativo, mas é “o branco correndo está fazendo *cooper*, o negro correndo estão assaltando alguém ou fugindo do assalto”. Quer dizer, o negro sempre vai estar a margem da marginalização, e abaixo o poder público. Eu não vejo poder público nenhum. Vejo a gente de novo, a gente resistindo, na luta, brigando e mostrando nosso espaço.



Fotografia: Mokota Kinansejé (Mãe Simone). Valmik Mota, 2019.

Eu diria para o IPHAN e para o poder público que a cultura, ela precisa ser preservada, seja ela de que espécie for de cultura, seja ela de que povo for a cultura. Seja ela do povo negro, seja ela do povo branco, seja ela do povo católico, judaico, seja do indígena, ela tem que ser preservada, porque ela é nossa origem, ela que é o nosso estudo, ela que é a nossa vivência. Um povo sem cultura é um povo sem origem, é um povo sem visão para frente. Se você não tem uma cultura que lhe guie, e nós como temos uma cultura, nós somos huma-



Fotografia: Tata Kabondo Lembajenin (Pai Erivan). Valmik Mota, 2019.

nistas, nós vemos a humanidade melhor. Somos os primeiros ecologistas, os primeiros a louvar a natureza, somos os primeiros a entender que tem que preservar e que se acabar não vamos ter. Se morre as águas eu acabo com a mamãe Oxum, se eu seco os mares não tenho mas mamãe Iemanjá, se eu queimo as matas eu acabo com meu Oxóssi. Então nós somos os primeiros ecologistas, nós tomamos conta disso, a cultura tem que ser preservada.



Fotografia: Monas Nkises e Tatá Bokulê (filhos e Tatá). Valmik Mota, 2019.



Fotografia: Tãtã N'Kise Bokulê. Valmik Mota, 2019.

CAPÍTULO 2

Ilê Asè D'Ya Kavullekin



Fotografia: Mãe Kavullekin. (Dona Mulambo). Acervo pessoal Mãe Kavullekin.

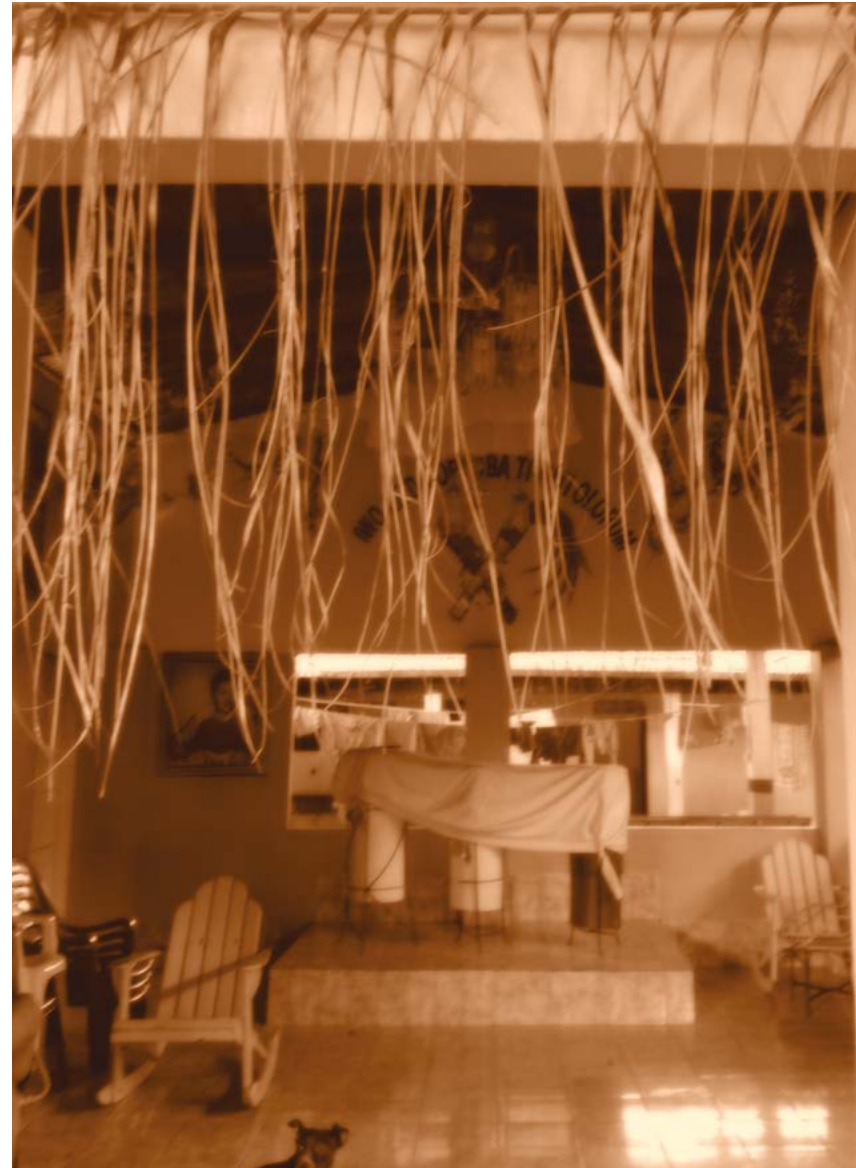
Eu me chamo Kavullekin Ya Dossan, sou da nação Nagô, minha casa, Ilê Asè D'Ya Kavullekin, é filiada em Belém do Pará, filha de Orlando Basú da nação Jeje-Nagô. O orixá dono dessa casa se chama Obaluaiyê. O caboco dono da casa, é o Seu Rompe Mato.

Nós somos do Amazonas, mas nós já morávamos em Boa Vista. Foi um irmão de santo meu que veio também, foi iniciado em 1988, e veio com ele para cá e foi quando nós conhecemos esse Pai de Santo, aí a Yatylyssá foi para Belém, fez o santo dela em 1989 e eu fui em 1990 porque estava doente. Eu em 1990 fiquei bem doente, bem mal mesmo, e como a Yatylyssá - que é a minha irmã, minha irmã mesmo - já tinha iniciado na nação, foi quando ela me levou para o Pará e onde eu conheci o Orlando Basú. De lá eu fui iniciada no culto Nagô e segui, passei três meses em Belém, porque na nossa cultura tem que passar uns preceitos internos. Passei um ano de branco, porque a nossa nação requer muito branco e muitos preceitos. Depois de três meses eu voltei para Boa Vista para a gente se tornar mãe de santo, a gente tem que ter sete anos de santo pagos. Aí você se torna mãe de santo.

IWO-LÉ DÁ ORI A TI-NITI OLORUM



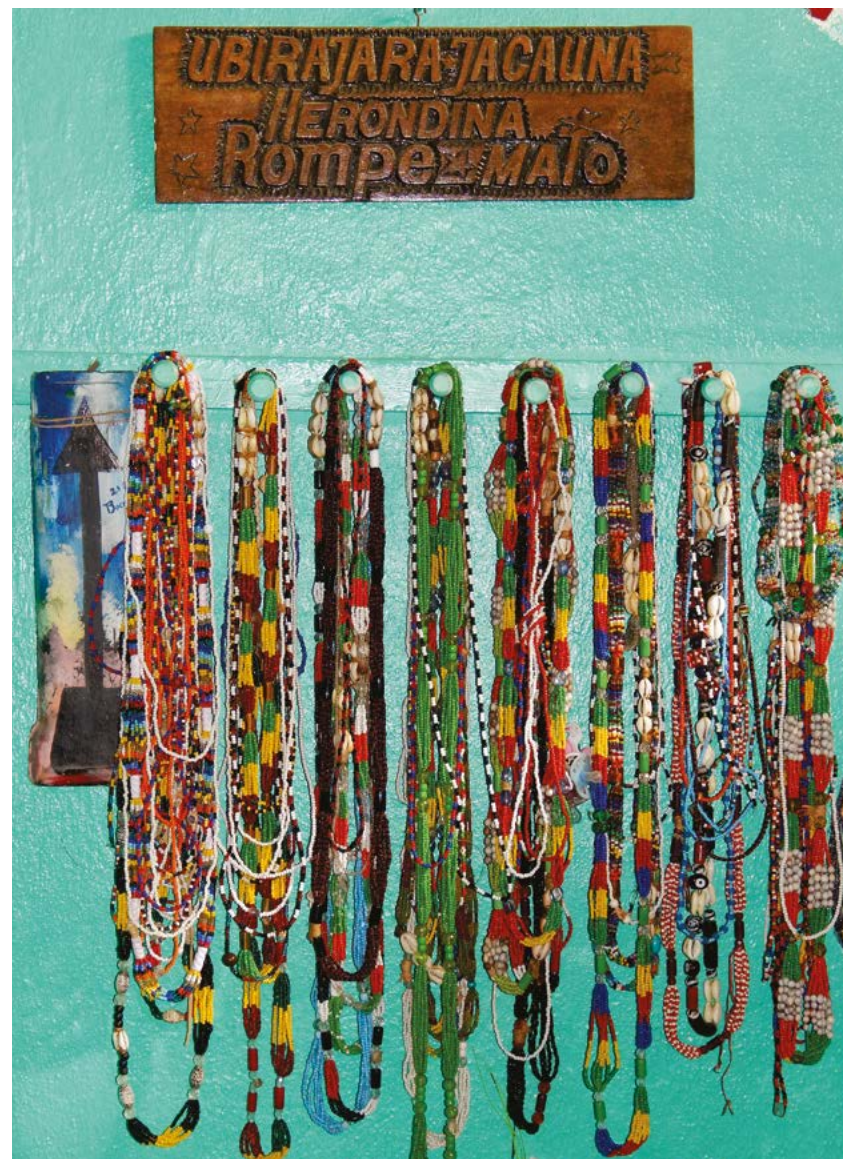
Em Boa Vista eu segui com a minha irmã na casa dela, foi quando eu decidi ter a minha casa própria, o meu terreiro, o meu espaço. E aqui quem construiu isso aqui tudinho se chama uma lebará por nome Maria Mulambo, que foi quem deu início a essa casa, porque eu mesma, eu não queria, não queria casa, não queria fazer santo, queria cuidar do meu santo, mas não queria lidar com pessoas, porque lutar com pessoa é muito difícil. E foi quando ela botou o pé na parede e disse que queria ter a casa dela e fez esta casa aqui. Sempre foi aqui. Vai fazer ainda os dezesseis anos. A casa foi fundada em 2004 por meu pai Dayko Urubitauá, também conhecido como Orlando Bassú.



Fotografia: Ilê Asé D'Ya Kavullekin. Tiago Reis, 2019.



Fotografia: Ilê Asé D'Ya Kavullekin. Tiago Reis, 2019.



Fotografia: Ilê Asé D'Ya Kavullekin. Tiago Reis, 2019.



Fotografia: Ilê Asé D'Ya Kavullekin. Tiago Reis, 2019.

ORGANIZAÇÃO E HIERARQUIA

Aqui somos trinta pessoas, aqui tem abian, aí tem equede, tem ogan, tem uma yalaxé que é a minha filha mesmo que vai fazer sete anos para o ano (2020), uma equede também que é minha filha que vai fazer sete anos para o ano também, tem uma iaô também que vai pagar obrigação no outro ano, que é sete também, e eu tenho uma equede aqui de quatorze anos. Aqui eu trato mais é com caboco, eu só levo para o santo quando eu vejo que não tem jeito na Umbanda.

Tenho um ogan Assogun, que é o ogan de corte (mão de faca), sacrifício de animais. Meu esposo também é feito no santo, mas de outra nação, que a nação dele é Ketu aí me ajuda aqui. Tenho um ogan de atabaque que não é feito e tenho um ogan que se chama Gibonã, que é o que faz tudo aqui dentro.

Nas celebrações temos a iabassê que toma conta da cozinha, tem o pessoal que fica só para a decoração, outra só

para passar as roupas das entidades, e outros ficam na comida e bebida para a festa.

Aqui o barracão não para de gente toda hora, e eu trabalho fora, mas a tarde eu atendo os meus clientes tudo aqui. São pessoas que são de fora da casa, que vem aqui atrás de uma cura, atrás de uma ajuda, banhos de ervas, jogo de búzios. Inclusive, agora estava querendo botar um projeto que capoeira aqui no centro, para a comunidade. A manutenção da casa sempre fica por minha conta, não gosto de agregar muita gente nisso, eu que gosto de arrumar, eu gosto de decorar, do meu jeito. Aqui é mais mulher, homens bem pouquinho. Tem uma filha de dez anos, ela ainda não foi iniciada, vai ser iniciada no final do ano. Tem as reuniões para a gente debater sobre o que está faltando dentro da casa, só internas.



Fotografia: Ilê Asé D'Ya Kavullekin. Jorge Macedo.



Fotografia: Ilê Asé D'Ya Kavullekin. Jorge Macedo.

RITUAIS E CELEBRAÇÕES

Todas as segundas-feiras eu faço o tabuleiro, que se chama arriar a obrigação do barú (flores de Obaluaiyê). Eu rezo a Obaluaiyê, que é o senhor das doenças, da saúde, na quarta-feira tem o desenvolvimento com os cabocos que é da Umbanda. E as festas são em junho, vai ter uma festa muito grande aqui, que é a festa do Seu Tranca Rua, que é o Exú da casa.

Tem essa que é a festa do Seu Tranca Rua, que é agora em junho. Em julho tem a festa do Seu Ubirajara, que é outro espírito que eu recebo, ele é um turco. Dia nove de outubro é a festa da Dona Mulambo, que é a dona da casa, que é lebará feminina, e no final do ano tem as festas das Yabás, que são os Orixás fêmeas do Candomblé.



Fotografia: Ilê Asé D'Ya Kavullekin. Jorge Macedo.



Fotografia: Ilê Asé D'Ya Kavullekin. Jorge Macedo.

CAPÍTULO 3

Ilê Asé Obá D'Alaguinã



Fotografia: Mãe Adansan Yatylyssá Lefan - Maria das Graças Furtado Pereira. Nação Mina Jeje Nagô. Valmik Mota, 2019.

A minha casa é a primeira casa de Nagô em Boa Vista, sou descendente da casa do Pai Babá Orlando, que se iniciou na cidade de São Luiz do Maranhão, nós somos descendentes da casa das Minas.

Eu morava no Amazonas, depois com a separação do pai dos meus filhos cheguei em Boa Vista e passei por várias situações difíceis o que me levou a ir para o Pará em 1989 encontrar alguém que pudesse me cuidar espiritualmente. Visitei várias casas procurando um lugar que realmente eu me situava até que cheguei na casa do Pai Orlando que jogou os búzios e falou coisas mesmo da minha vida, coisas que eu estava passando. Retornei para Boa Vista e seis meses depois voltei para me iniciar no ano de 1990. Quando eu estive lá a intenção era ficar na casa e de buscar meus filhos e ficar morando logo que cheguei. A casa estava no auge da construção, era de madeira e eles estavam pintando as telhas. O bairro era muito acidentado, em Belém chove de manhã e de tarde, então era um lugar muito cheio de dificuldades, eu fiquei um mês observando e ajudando na construção, me nomearam a cozinheira da casa e... pra ajudar na obra que era muita gente, filhos de santo e algumas outras pessoas e logo depois... foi em outubro e se estendeu mais um pouco, eu sei que um dia antes do meu aniversário foi quando eu comecei a fazer as minhas limpezas de iniciação. Então eu passei meu aniversário de 22 anos dentro do roncó. Tinha muita vontade de aprender o ritual para tudo, mas fiquei lá depois da iniciação 1 ano 2 meses e 12 dias. Passei o preceito de branco e aprendi umas coisas, como cozinhar para o santo, como servir um Orixá, como fazer um banho. Até chegar aqui, já sei



"Záγnassê D'Orisa Óbá'Oríytor"



Fotografia: Ilê Asé Obá D' Alaguiná. Valmik Mota, 2019.

o preceito de branco como o caboco que responde pelo meu Orixá que é o caboco Yta e assim fiquei conhecida em Boa Vista como Graça do caboco Yta, foi quando cheguei aqui em 1991 e comecei a organizar com outras pessoas que a gente conheceu.

Ganhei o terreno e construí a casa (...), em 1992 meu pai veio para inaugurar minha casa que foi aberta em 17 de janeiro de 1992. Já passamos por várias fases, a casa começou com 50 pessoas envolvidas e... no período que eu abri minha casa, eu era Yao e não podia iniciar ninguém, nesse período todo era muito difícil para poder ir e vir, aquela burocracia toda de viagem. Então meu pai veio, dois anos depois, eu já estava caminhando para dois anos de santo quando ele veio inaugurar a minha casa e depois veio outros anos. Conforme ia passando o tempo, eu ia para lá fazer as minhas obrigações que mesmo com a casa aberta eu tocava só para as entidades dos caboclos, eu não podia iniciar ninguém. Tinha muita gente na época que precisava de uma iniciação, mas não queria que meu pai viesse para iniciar, queriam que eu fizesse e assim muita gente também migrou para outras casas porque o tempo exige, todos nós temos um tempo que é para o chamado dessa iniciação. Algumas pessoas morreram, assim por coisas mesmo da vida. E quando eu fiz cinco anos de santo fui pagar a obrigação, quando cheguei em Belém meu pai disse: “você precisa buscar alguém de lá da sua casa porque eu vou lhe entregar o seu Deká e é o cargo de transmissão”. Fiquei sem saber como fazer, porque até então tudo era muito rápido e muita responsabilidade, mas como sempre eles falam, o

santo sempre sabe o que faz e a gente tem que atender o que eles exigem.

Mandei buscar um Ogã que hoje mora em Goiânia. Não era iniciado porque até então não tinha ninguém iniciado, mas ele foi comigo, participou de todo o ritual porque precisava de alguém para servir de testemunha que eu estava recebendo o Deká, mesmo com as fotografias é uma coisa que para nós era como um registro, embora em Belém exista uma federação e ninguém passa pelo processo sem uma guia de iniciação com documentação, quando você paga um ano eles fazem o registro, na obrigação de três anos e até você concluir que se chama maioria no santo ou até mesmo depois de mais velho nas obrigações que são feitas de sete em sete anos, todas são registradas, passadas no cartório. Isso é para dar legitimidade da sua iniciação, de ser feito. E eu fiz, recebi meu Deká, voltei para Boa Vista, meu pai não pôde vir comigo, ele estava comigo aqui e depois ele começou a vir também e está até hoje nessa busca de cultuar o sagrado o mais natural possível.



Fotografia: Ilê Asé Obá D'Alaguinã. Valmik Mota, 2019.

HIERARQUIA E ORGANIZAÇÃO

A casa é regida por dois meninos e uma senhora, porque eu sou de Guian (Oxalaguan) Iemanjá Sobá e Xangô D'ouro (Xangô menino), então eu tenho dois meninos e uma menina, e aí ele fala que é natural ter mais homens do que mulheres na casa, mas as poucas mulheres que têm, elas têm que fazer um diferencial.

Na nossa hierarquia temos Yakekerê que é a mãe pequena, Babakekerê que é pai pequeno, temos Sidagã que é a primeira conselheira da casa - é um cargo que substitui outros cargos como equede (que cuida dos Iaôs), esse cargo de Sidagã quando essas pessoas não estão presentes ela substitui. Iabassê que é que é cozinheira, a Yalaxé que é a zeladora dos axés e também zeladora da casa quando esta vem a óbito, temos o Babá Pejigan que toma conta do Peji que é o santuário lá dentro, cuida dos santos, organiza. Temos o Babá Efun que é o que pinta os Iaôs, o Ogã Nilú que é o tambor Rum, ele é tocado para o ritual nagô, quando a gente vai tirar um Orixá ele é um instrumento que a gente abre o ritual. Temos outros instrumentos o Adjá, ele que guia o santo, a equede usa ou a mãe pequena que usa, a Yakekerê ou o Babakekerê usa esse instrumento. Temos o Gã que é o instrumento de ferro, ele é só uma boca, em outras casas é tocado o Gã de duas bocas, o nosso é uma boca. Tem uma pessoa iniciada para esse instrumento que se chama Gandô, geralmente são pessoas que tem que pertencer ao Orixá Ogum ou Oxóssi, porque na verdade o Ogum é o dono dos instrumentos, seja Angola, Ketu, Nagô ou qualquer outra nação é ele que é o dono de toda essas

percussões e de todo o som, tanto que no ritual é o primeiro instrumento que toca é o Gã porque é ele quem leva o recado. Temos também ogãs responsáveis pelos animais, mas nada acontece se não tivermos um Abiã, que é o novato, aquele que chega e com o decorrer do tempo vamos descobrindo se ele vai se tornar um Iaô ou se vai se iniciar como pai ou como a mãe da casa.

Quem dá cargo não é o Pai de Santo e nem a Mãe de Santo, é o Orixá, na hora que a gente joga é ele que determina, tanto que a gente só é utilizado para conduzir as coisas. Quem raspa o Santo é o jogo de búzios, tudo feito por orientação dele, sem o jogo, sem essa orientação a gente não faz nada. Então a gente não tira cargo de ninguém, nem tampouco dá cargo para ninguém. Muita gente começa entender dentro da casa o porquê disso, dessa responsabilidade, que amadurecimento ele vem conforme as condições e conforme você vai se colocando dentro da casa do Santo. Então esses cargos todos eles não vêm de uma vez e é conforme o tempo da casa, conforme as iniciações. Eu tenho uma Babaquequerê, tenho um Pejigan, tenho Ogã de Ery que é uma pessoa iniciada para abrir e fechar ritual que poupa a minha garganta, embora isso nunca acontece porque a gente acaba tendo que começar, e às vezes quando uma entidade chega ou um santo se manifesta aquela pessoa vai e assume, mas tem todo esse conjunto e faz com que o Candomblé se torne esse ritual bonito que você já viu ou participou, e aí a gente vai se organizando, então leva tempo, a casa, leva um tempo para se formar toda uma hierarquia.

A maioria dos médiuns, das pessoas de cargo estudaram, eles se formaram e a vida vai levando. É bacana porque eu vejo eles também, eles vêm fazem as obrigações e depois vão embora, e agora quem toca são os meus netos, tenho um neto que já tem 15 anos, não é iniciado e quem toca também é filho que já é iniciado, ele é Ogã de atabaque é quem toca, mas os mais antigos estão todos fora de Boa Vista. O tempo deu um tempo para eles andarem e conhecerem o mundo, como diz os antigos: “a gente cria os filhos para o mundo”. Apesar de que o Candomblé ele cria as pessoas para amadurecerem e presidir o ritual, mas fazer o quê, não é?



Fotografia: Mãe Adansan Yatylyssá Lefan. Cristina de Oliveira.

RITOS E CELEBRAÇÕES

Temos um cronograma para os semestres, em abril deste ano teremos a festa de Ogum, dia 23 de abril. Em maio teremos o tambor das flores, que é um ritual para as mulheres, mas os homens podem participar, fazemos uma roda, conversa, canta, tem a parte da degustação e na parte da noite fechamos com um ritual para as Yabás. Em junho teremos a festa de uma entidade que me acompanha desde a Umbanda que é o Mestre Sibamba no dia 13 de junho. Temos a fogueira para o meu Xangô dia 24 de junho, dia de São João. Então a gente já tem todos esses meses bem organizado para cumprir e entre essas coisas que é pública, tem o desenvolvimento que é fechado para os médiuns da casa, para orientá-los, para ensinar e para aprender também e tem as crianças juntos, porque a maioria têm meninos, e as crianças têm que estar ali presentes, tem uns que quer dançar quando se empolgam, não pode deixar de lado, tem que ser da vontade.



Fotografia: Celebração Seu Zé Pilintra. Acervo pessoal Yatylyssá Lefan.



Fotografias: Ilê Asé Obá D'Alaguinã. Valmik Mota, 2019.



Fotografias: Ilê Asé Obá D'Alaguinã. Valmik Mota, 2019.



Fotografia: Ilê Asé Obá D'Alaguinã. Valmik Mota, 2019.



Fotografia: Ilê Asé Obá D'Alaguinã. Valmik Mota, 2019.

NOVAS GERAÇÕES

A nossa casa é a casa das crianças, vamos fazer até o quarto de lazer. Temos as crianças dos médiuns, os meus netos, a minha neta de cinco anos quando ela quer, ela diz assim: “vovó hoje eu vou dançar e eu vou ser a Mãe de Santo”. Visto ela de baiana, ponho o pano e ela dança aqui até cansar, quando ela não quer mais diz: “bom, agora eu já vou dormir que a Mãe de Santo tá cansada!”.

Vem as crianças da Equede, ela tem dois meninos que vivem falando: “mãe, quando é que a gente vai fazer o santo? Eu digo para ela assim: “parece muito fácil e prático, não é!”.

Meu neto já tem 8 anos de santo, ele tem 14 anos de idade, fez santo bem pequenininho no mesmo período que a Sidagã deitou. Ela estudava a noite e meu neto de tarde, eles estavam todos de preceito com fio de conta, cabeça raspada, ainda começando a crescer o cabelo de turbante e tal. Com meu neto foi preciso ir na escola porque ele sofria muito bullying, muito preconceito. Ele é muito na dele e aí os meninos tiravam o turbante, faziam ele chorar e o erê dele virava e algumas vezes fui conversar com a coordenação, e disseram: “quanto tempo ele vai vir fantasiado?”. Respondi: “primeiro que isso não é fantasia, isso é uma roupa ritualística que ele precisa usar, não vai ser para sempre, só o período que ele está, nesses três meses, eu acho que vocês deveriam estudar mais sobre História, procurar saber alguma coisa sobre Candomblé, procurar saber como é que funciona, para vocês entenderem, para poderem ensinar as outras crianças, porque primeiro ela tinha pedido para eu tirar da escola, e eu disse que de jeito algum, é direito dele estudar, eu não vou atrapalhar o ano letivo dele porque a escola não está preparada para

receber essas crianças!”. E a gente acabou entrando em um consenso. Eu digo que muitas vezes o erê teve que assistir aula para poder levar e trazer o Odiloci em paz para não ter nenhum contratempo, as meninas eu tive que fazer um documento porque os diretores disseram que elas não podiam estudar daquele jeito, estavam fantasiadas também e que na escola dele, na escola dele menino daquele jeito não entrava.

Acabei tendo que fazer uma declaração, não só como Mãe de Santo, mas também como assistente social, que eu tenho registro no conselho e eu posso escrever, e fiz uma declaração em cima da Constituição, lá nas últimas linhas eu falei para ele: “se não for aceita, irei na Secretaria de Educação!”. Depois disso elas muito constrangidas, uma delas até desistiu porque não aguentou e a outra conseguiu ir até o final.

Essa questão da escola é uma questão que tem que ser muito trabalhada porque as pessoas não tem... o professor na verdade ele é o menos culpado, eu acredito que o gestor que tem que ter essas compreensão e tem que ter uma equipe multidisciplinar, com assistente social para fazer visitas, para poder entender, poder saber, para poder dar essa orientação pedagógica, com psicólogo, para poder amparar essas crianças porque elas se sentem rejeitadas e se sentem... como é que eu posso dizer, como se fossem diferentes, é uma discriminação muito grande e isso fere muito o ego, a alma de uma pessoa, por isso que eu falo muito que quando a gente vai iniciar uma criança a gente tem que rever muitas coisas, essa questão da escola principalmente, é como eu digo a gente não inicia ninguém porque a gente quer “ai, eu vou fazer fulano, recolher ciclano”, mas é quando o Orixá pede.



Fotografia: Ilê Asé Obá D'Alaguinã. Cristina de Oliveira.



Fotografia: Ilê Asé Obá D'Alaguinã. Valmik Mota, 2019.

RESISTÊNCIA E CONVÍVIO

Realizar um ritual grande é uma despesa enorme, ainda mais porque a gente mora em Boa Vista e por mais que a cidade esteja crescendo e se desenvolvendo, é muito difícil a gente encontrar as coisas aqui, você adquirir frutos africanos, contas, miçangas, material para fundamento, é muito difícil. Muitas das vezes a gente tem que procurar em São Paulo, Salvador e Rio de Janeiro. E isso leva tempo e um custo bem grande, então as coisas chegam aqui muito caras.

Temos a questão dos animais porque tem o problema com a igreja, os protestantes dizem que nós estamos mutilando os animais, sendo que esse sacrifício serve não só para a utilização do sagrado, mas também para alimentar a comunidade. É deles que fazemos a festa, a comida e é tudo feito

com muito amor, com muito carinho, e com muita reza, com muito pedido de Axé, de vida, de saúde.

Os poderes públicos não têm preocupação com a gente, embora escute o discurso do Estado laico, ele é só de boca. Porque se eu precisar ir buscar numa fazenda, em algum lugar um boi, um cabrito, uma cabra e a polícia rodoviária me parar, há burocracia, ainda mais para poder entender que aquilo dali vem para uma festa, isso dá uma confusão muito grande, e aí a gente fica de pés e mãos atadas.

Temos também a questão do custo porque quem tem algumas coisas e sabe que a gente precisa, eles pedem um absurdo, uma vez o vendedor disse: “eu vendo o cabrito que tu quer, mas é mil reais!”. Então, hoje a gente tem muito que se organizar. Não dá para fazer um Candomblé vegetariano, não funciona, e olha que tem louco que já sugeriu.

Hoje na vizinhança tem muito evangélico, mas eles não mexem comigo e nem eu mexo com eles. Como a gente toca esporadicamente, a entidade vem, atende pessoal, e colocamos esse ano como programa de tocar a cada 15 dias. Terá mês que a gente vai tocar, vai ter mês que a gente vai fazer sessão somente sem o tambor, mas quando eu começo a tocar vem a igreja ali e começa a tocar também, e eu digo: “quando eles cantarem lá, a gente canta aqui também, é eles cantando para lá e a gente cantando para cá!”. Mas eu já sofri muito preconceito, teve um tempo que a Igreja Universal me sacaneou muito, muito, muito mesmo, de fazerem uma fila de sal de uma esquina a outra, jogarem óleo ungido na minha porta.

Tivemos outro problema com um vizinho, ele bebia muito e jogava pedra e garrafa nas pessoas que vinham na



Fotografia: Ilê Asé Obá D'Alaguiná. Cristina de Oliveira.

minha casa, colocava facão para as pessoas correrem. Foi preciso ir na delegacia oito vezes, fiz oito boletins de ocorrência e no último disse: “se vocês não tomarem uma providência, eu vou pro jornal, vocês têm que encaminhar isso para o Ministério Público!”. Mandaram o caso para as pequenas

causas, quando eu cheguei lá, falando com a atendente, ele disse assim: “isso aí, é briga de vizinhos, a senhora deveria procurar mais o que fazer!”. E eu disse: “primeiro o senhor me respeite, segundo você sabe que eu tenho direito como cidadã, terceiro eu sou assistente social, eu não sou burra!”.



Fotografia: Mãe Adansan Yatylyssá Lefan. Valmik Mota, 2019.

Ele retrucou: “não senhora, me dê seus documentos!”. Respon-di: “agora tu me enxergou? Só porque eu disse para ti que eu tenho uma graduação? Eu quero é providencias, sabe por quê? Porque eu estou prejudicada, vocês só vão dar ouvidos quando ocorrer uma morte por quê?”. Felizmente ele foi em-bora da rua e nunca mais apareceu.

A população precisa ter conhecimento da nossa religião e também procurar entender um pouquinho sobre cada histó-ria, de cada segmento. Isto serve também para que as casas se unam porque diferente dos evangélicos que são unidos, o Candomblé deveria se unir muito mais para ter uma re-presentatividade futuramente. O pessoal do Santo deveria se

unir um pouco mais para sairmos dessa invisibilidade, porque querendo ou não ainda somos invisíveis. Para a nossa vivên-cia dentro do Santo continuar, precisamos nos unir, precisa dar a mão um para o outro, respeitar o ritual um do outro, a forma como o outro faz, cada um cozinhe nas suas panelas do jeito que sabe, eu não posso interferir na Casa de fulano, de ciclano, porque eu faço aqui assim ... os enredos são di-ferentes, os Santos são diferentes, os Santos que comandam a casa são diferentes, embora dentro do segmento todos nós ocupamos a mesma força da natureza, só que com nomes e linguagens diferentes e ritmos, o ritmo é diferente mas é o mesmo Orixá.



Fotografia: Ilê Asê Omô Erinlê. Pai Júlio. Valmik Mota, 2019.

CAPÍTULO 4

Ilê Asè Omô Erinlè

O Candomblé é para todo mundo, a religião é para todos, mas nem todos são para essa religião.



Fotografia: Pai Júlio Cesar dos Santos. Acervo pessoal Pai Júlio.

Me chamo Júlio Cesar dos Santos, mais conhecido como Babá Odé Decindê, sou do Axé Ogum Torodê. Tenho trinta e oito anos de santo de iniciado. Sou de Oxóssi. Venho de uma raiz que é minha segunda raiz, Axé Torodê que conheci no Amazonas. Tenho uma ramificação de iniciação dentro da Angola, dentro do Banto, mas troquei as águas e fui para o Ketu para casa de Odé Leci.

Fui iniciado no Rio de Janeiro, e tinha uns treze anos na época. Eu tenho duas famílias. Minha mãe biológica ainda é viva e minha família de criação, meus pais, são falecidos. Minha mãe era maranhense e fui criado por maranhenses no Rio de Janeiro. Minha mãe não sei por que cargas d'águas me deu para essa família eu fui pegando o hábito de uma questão espiritual, porque minha mãe de criação era de santo, e eu a acompanhava. Era um menino, e ela me tinha muito carinho. Eu a acompanhava nas festividades, nos eventos da casa de santo e como ela era da religião eu a seguia. A vida de santo fora eu não conseguia. Conheci outras casas, praticava a minha religião em outras casas já que eu conhecia e levava conhecimento. Jovem e solteiro tinha essas aventuras, não queria muito essa ligação com o espiritual. Sempre gostei de viajar e de conhecer novos horizontes.

Vim para o Amazonas, mais ou menos há vinte e oito anos. Por conta da distância houve uma necessidade de trocar

de Axé de raiz porque minha família de santo é do Rio de Janeiro.

A vinda do Rio para o Amazonas foi uma curiosidade. Eu era acompanhante de um cidadão chamado Paulo, já senhor e militar, que inclusive era do santo também, Oloroke ti Efón. Eu fazia companhia e viajava muito com ele, então conheci o Amazonas em 1982, me encantei e fiquei. Do Amazonas voltei para o Rio de Janeiro. Passei uns dois anos e retornei para o Amazonas de novo. Do Amazonas que eu vim para Roraima.

Vim para Boa Vista com o projeto SIVAM (Sistema de Vigilância da Amazônia). Trabalhava na COMARA (Comissões de Aeroportos da Região Amazônica). Não havia radar em Boa Vista, e eu era cozinheiro dessa unidade, que era um núcleo da base aérea do Ministério da Aeronáutica. Trabalhava na cozinha. Gostei e fui ficando. Na verdade, vim no lugar de outro cozinheiro, apenas quinze dias, e estou aqui até hoje. Frequentei a casa do Tata Bokulê por algumas vezes, que é meu compadre por certo. E frequentei muitas casas, mais no Amazonas.

Frequentava muitas casas das pessoas que me conheciam, reconheciam meu Axé, conheciam as minhas raízes, minhas origens. E essas casas abriram portas para mim. Agradeço muito a essas casas. Eles abriram a porta para mim, me acolheram, e até hoje me acolhem como irmão.



Fotografia: Ilê Asê Omô Erinlê. Valmik Mota, 2019.

CASA

Abri a casa aqui até por uma necessidade mesmo das entidades que eu já trabalho, por ser feito no santo e os anos foram se passando fui tomando minhas obrigações. Minha casa está aberta há três anos. Houve a necessidade das entidades, dos encantados na minha coroa, que incorporam em mim. Houve essa exigência de ter que abrir a casa e das pessoas que eu comecei a tratar, a cuidar. Morava alugado e eles fizeram exigências que queriam o espaço deles. Agora tenho meu espaço. É humilde e ainda está em acabamento.

Minha casa só tem três anos de funcionamento e tenho até agora uma pessoa que é meu braço direito, uma equede confirmada pelo meu axé. Minha casa funciona assim: o diri-



Fotografia: Ilê Asè Omó Erinlè. Valmik Mota, 2019.

gente no momento sou eu. Estamos criando os cargos que não estão ainda vigorados.

A comunidade eu fui formando aos poucos, porque não sou muito aberto. A minha casa é assim porque sou um pouco seletivo e quando você é um zelador de santo, dirigente de uma casa você faz parte da vida dessa pessoa e essa pessoa faz parte da sua vida. A gente ama, sofre, adocece. Temos problemas, somos vulneráveis. Temos uma vulnerabilidade além do normal.



Fotografia: Ilê Asè Omô Erinlè. Valmik Mota, 2019.

Todo dia chegam pessoas na minha casa com problemas diferentes e você tem que estar bem e se não estiver, não está apto a atender uma pessoa na sua casa. Eu sempre digo, e minha avó dizia “cabeça do ser humano não é repolho para todo mundo botar a mão, nem melancia”. Temos que respeitar o Ori, a cabeça. O Ori tem que ser respeitado, seja quem for.



Fotografia: Ilê Asè Omô Erinlè. Valmik Mota, 2019.

Então você tem que tratar essas coisas com muita responsabilidade. Você passa a ser uma pessoa pública, a vida que tinha antes não pode ter mais.

Tem que ter uma seletividade muito grande na tua vida. Uma ressalva, quando falo que sou muito seletivo, eu digo assim, na minha casa quando chega pessoas precisando eu abro a porta, eu vou cuidar e tratar, mas na questão de ser filho de santo da casa, para eu cuidar dessa pessoa ela tem que saber se é isso mesmo que ela quer. Porque o Candomblé é para todo mundo, a religião é para todos, mas nem todos são para essa religião.

A religião é muito séria e se não abrimos os olhos estamos perdendo nossa essência. Não podemos perder o foco porque a casa da gente tem que ter foco, ter discernimento espiritual, pulso firme senão vira bagunça. Eu quero minha casa com qualidade não quero quantidade! O atendimento (na casa) é constante. Geralmente as pessoas me procuram por indicações, pois aqui não tenho cartãozinho nem divulgações em *Facebook*, nem em redes sociais. Meus atendimentos são feitos de boca em boca.

RITUAIS E CELEBRAÇÕES

Eu trabalho com um caboclo chamado Júlio Galego, caboclo Serra Negra e uma chamada Cabocla Braba. No momento faço três tambores por ano na minha casa. O primeiro toque é do Oxóssi, que é o dono da casa. O aniversário da casa é 17 de maio. E o toque do meu caboclo realizado em outubro

ou final de novembro e, o toque da pomba gira da casa, Dona Gira Maceió, em novembro. Há duas grandes festas na minha casa, e a do caboclo é a mais simples com tambor e louvor aos encantados. A festa não é tão grande quanto à do Oxóssi e do Exu da casa.

Jogo de búzios é um método caribenho que eu utilizo através do charuto de tabaco. O jogo de búzios vai mais para o lado do Candomblé e liga-se a um caso mais sério. Trabalho acordado é de natureza minha. Dificilmente trabalho incorporado, porque a entidade já quer vir, já bebe e, me recuo um pouco na questão da bebida, pois não tenho uma pessoa que me auxilie diretamente. Geralmente faço a chamada para atender o pessoal que queira falar com uma entidade da casa.

O charuto é uma cultura que não é nossa. Ela é uma cultura haitiana e dominicana que foi levada para a Venezuela e tive que me adaptar com a questão espiritual. Era uma autodefesa também. É um método espiritista caribenho que eu agreguei pelo conhecimento e fui preparado. Fiz todo o ritual que eles fazem lá lavagem de cabeça, cachoeira.

Hoje todo mundo fuma charuto, mas ele é uma faca de dois gumes. Você tem que saber lidar com o charuto. Não é só ascender e fumar não, tem que ter um preparo.

Tenho um padrinho e agreguei esses conhecimentos que foram muito bons. Inclusive hoje tenho meus clientes certos de charuto e tenho meus clientes certos de búzios. Não constantemente agrego os dois. Quando há uma necessidade vou para o lado dos búzios na questão de orixá, para tirar ebó. Já quando é uma questão simples, vou para o lado do charuto. Agreguei isso ao meu conhecimento nas andanças, não faz parte do Candomblé.

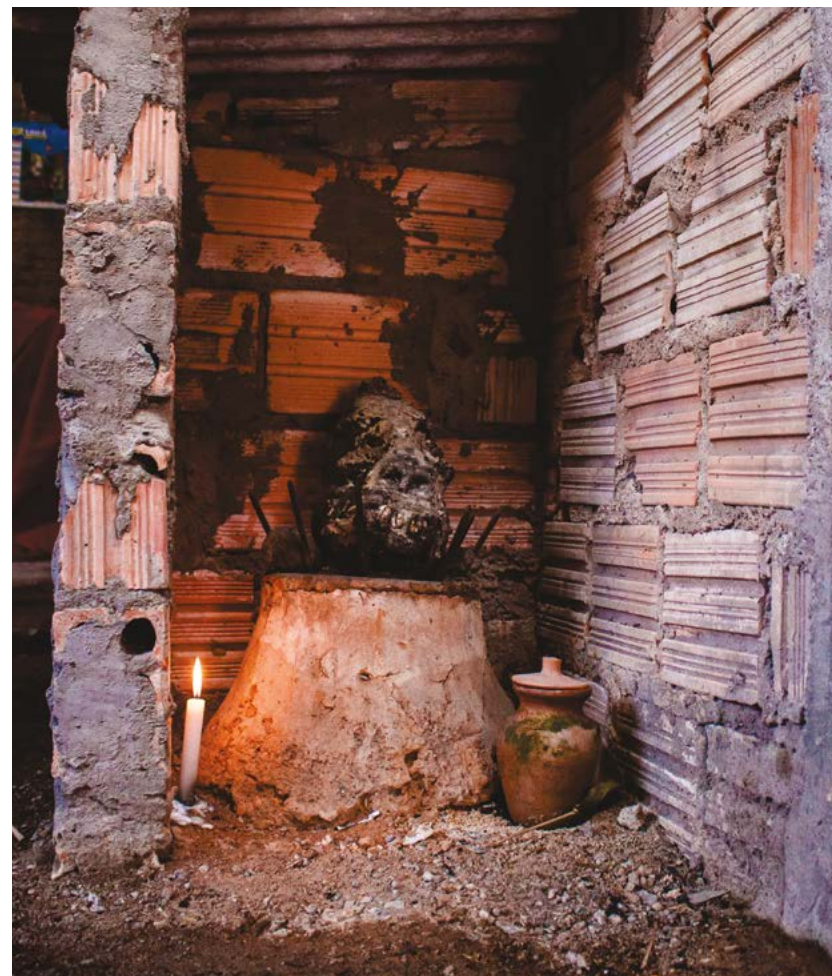


Fotografia: Ilê Asè Omô Erinlè. Valmik Mota, 2019.



Fotografia: Ilê Asè Omó Erinlè. Valmik Mota, 2019.

A cultura do charuto é uma cultura meio indígena. Tem uma força indígena muito forte e o aprendizado é maravilhoso e claro, desde que seja (usada) de forma moderada e ponderada, porque está se tratando de um charuto e é fumaça, cigarro, tabaco. Não fumem!



Fotografia: Ilê Asè Omó Erinlè. Valmik Mota, 2019.

INDUMENTÁRIA

Nós buscamos nos grandes comércios de Manaus e nas capitais aonde tem os grandes mercados: Rio, São Paulo e, principalmente, a Bahia. A gente consegue comprar e confeccionar de acordo com seu Orixá. Cada pessoa tem sua entidade e você chega numa casa de santo e vê uma determinada pessoa com um fio de conta porque todos me conhecem sabe que sou de Oxóssi e estou com fio de Ogum no pescoço, mas o fio de Ogum é mais uma questão de defesa mesmo. O que te identifica numa casa de santo é seu fio de conta. Detalhe: se você tem um grau, teu fio de conta te identifica. O fio de grau é quando uma pessoa já possui sete anos, a partir disso ela recebe o fio de cargo e já se sabe que aquela pessoa é maior de idade.



Fotografia: Ilê Asê Omô Erinlê. Valmik Mota, 2019.

Um Iaô, um iniciado, não usa um monjolo porque não está na época de usar, somente com sete anos. Um fio de conta curtinho, com determinados elementos só pode ser posto no pescoço de um iniciado quando este for maior de idade. Todos os dirigentes de casa, do Candomblé, que são os Babalorixás, usam um fio de conta específico. Isso é designado para identificar aqueles que rodam, que se manifestam. Identifica que a pessoa é rodante. Atravessando as águas recebe o nome de runjeve. Ele só é recebido e todos tem o mesmo segmento: tem a figurinha, tem o rei do Alaqueto, e o segundo santo da pessoa e é até um determinado limite de contas e seguir. Tudo tem uma simbologia, tem o porquê. A questão da folha, dos auê, dos preparos, dos banhos que hoje quase não estamos usando porque, não que é proibido, mas antigamente quando fui recolhido, por exemplo, a gente sentia uma dor que não tinha uma cibalena (comprimido), que é da minha época. É perigoso, entendeu, por que o clima, a atmosfera está muito contaminada, e então naquele banho é uma série de folhas que está agregada em concentração. Ela vai fermentar e gerar um banho e um remédio que você tomava e ficava bonzinho. O banho fica concentrado em um pote de barro e os filhos da casa tomam quando vêm fazer alguma função. É o banho que tira tudo de ruim do seu corpo, o que você trouxe da rua sai no banho.



Fotografia: Ilè Asè Omò Erinlè. Valmik Mota, 2019.



Fotografia: Ilè Asè Omò Erinlè. Valmik Mota, 2019.



Fotografia: Ilè Asè Omò Erinlè. Valmik Mota, 2019.

FÉ E RESISTÊNCIA

O Candomblé é uma religião passada oralmente. Hoje tem pessoas que fazem livros, mas tem que ter cuidado, pois cada Axé é um Axé, cada casa é uma casa, e cada casa é um caso. Não pode fazer as misturas, pois cada casa é única, nossa religião é de aprendizado oral e nós não temos Bíblia. Não temos nada escrito. É passado de pais para filhos e netos.

A língua ainda é um tabu. Hoje se tem uma facilidade porque você já escreve como entende em português. Reza, canta como entende e a tradução vem com o tempo. Na minha casa, apesar de não ter os filhos todos, não tem isso de não estar no tempo de aprender. O Candomblé é uma religião oral se você não aprende ou ficam escondendo de você, vai para a casa de outro e te ensinam uma coisa diferente.

Tem muita gente com a casa aberta porque tem um poder aquisitivo e o pessoal vai onde está bonito. Vão muito pela estética da casa e não pela essência, pelo Axé, pelo conhecimento. Nós temos raízes. Não adianta dizer “ah, sou feito e sou do Rio de Janeiro”, tem que dizer filho de quem, neto de quem, a árvore genealógica espiritual toda na ponta da língua. Quando se inicia no santo você é feito e tem que aprender tudo. Você tem uma identificação, não adianta inventar.

Eu agradeço muito ao pessoal da FATABE por terem dado muito apoio a minha casa. Toda a família Tatá Bokulê, da Tumba Jussara por terem me dado apoio.



Fotografia: Ilê Asè Omô Erinlê. Valmik Mota, 2019.



Fotografia: Ilê Asê Omô Erinlê. Valmik Mota, 2019.

CAPÍTULO 5

Ilê Axé Yapá Omimladê



Fotografia: Dofonitinho de Oxum, Pai Mario dos Santos Maia. Orixá Oxum Opará. Valmik Mota, 2019.

Eu sou o pai Mário, mais conhecido como pai Mário de Oxum. A minha casa se chama Ilê Axé Yapá Omimladê, fundada em 06 de agosto de 1976, é uma casa de Ketu e Iorubá, sendo o Iorubá a nossa linguagem.

Sou amazonense, vim para Roraima novo, eu acho que eu tinha uns dezenove anos quando eu cheguei por aqui e, cheguei numa terra muito bonita, ainda quase no começo de Roraima e quando eu cheguei aqui as pessoas que trabalhavam com um pouco de Umbanda, elas estavam parando de

trabalhar, já estavam chegando numa certa idade que precisavam parar e, não tinha ninguém, e eu comecei trabalhando na Umbanda e isso foi crescendo, foi chegando pessoas ao meu redor e a gente foi começando a fundar a casa, não casa de santo, mas o terreiro.

Nesse tempo não tinha santo ainda e chegou muita gente, muita gente boa, e pessoas interessadas mesmo na religião, chegou também aquelas pessoas que tinham curiosidade para ver e não permaneceu com a gente. Mas isso não interferiu em nada porque a gente continuou e foi crescendo cada vez mais. Nesse tempo, eu morava no bairro São Francisco, depois mudei para o Mecejana, porque aqui no bairro não tinha bairro ainda, de verdade ainda era um lavradão cheio de cajueiros, enfim... Caimbé. E, uma filha de santo minha, chamada Isabel, que Deus a tenha, tirou o terreno dela aqui do lado e junto com isso ela tirou um, que é justamente esse aqui. E ela me pediu para refazer a casa, montar o terreiro todo, organizar. Naquele tempo era muito jovem e não quis.

A minha intenção na verdade não era ficar aqui, era ir pra Manaus e abrir outra casa lá. Mas nunca deu, as entidades nunca concordaram de eu ir. E foram me prendendo. A gente que é do santo, a gente tem uma vida um pouco privada porque a gente não pode fazer certas coisas, e... principalmente ser desobediente. Então eu fui ficando, fui ficando e... chegou um tempo que eu fiquei, eu comecei a adoecer. Adoeci. Veio um guia uma noite e me disse que eu tinha entrado num



Fotografia: Ilé Axé Yapá Omimladê. Valmik Mota, 2019

problema e que eles não podiam resolver, porque o meu problema era santo, era Orixá, eu tinha que procurar ajuda fora... Eu fiquei sem saber o que fazer, porque Manaus não tinha candomblé, e acabei me juntando com uma moça, chamei ela pra ir comigo, um rapaz e minha sobrinha pequena e minha mãe. Minha mãe é... ela também é do santo, foi do santo, e foi uma grande mulher, e foi comigo nessa viagem. E saiu assim, acredito eu que, guiado por Deus e pelo orixá que nós, nós paramos em Santarém, isso em 1980, 1985.

Nós chegamos na casa da mãe Conceição de Iansã, a filha dela a Ruth, que hoje em dia é mãe de santo também, me recebeu. No outro dia cedo ela chegou com as meninas e começaram a arrumar a casa. A noite ela me colocou dentro do terreiro, não me colocou dentro de roda, ela me colocou num lugar onde eu podia apreciar. Ela disse: “fique aqui e olhe, preste atenção como é”. E nessa noite ela vestiu o pai, Olorum, xalopá xalopã, e vestiu a deká, que é Oxóssi. Ela começou a fazer o xirê dos santos, o xirê é o começo do candomblé, onde a gente começa a fazer renovação de cada orixá, de cantar para cada um. No outro dia ela disse: “eu queria jogar um búzio para ti! Eu disse: “tá bom. Eu quero. Eu vim para senhora ver isso para mim”. Ela jogou e disse: “Olha meu filho, você vai ter que fazer seu orixá, você e seu santo é Oxum. E a gente tem que, você vai ter que fazer, pelo menos um bori, iniciar”.

Um bori é uma cerimônia de iniciação, onde a gente se inicia existem várias qualidades de bori. Ela disse: “você vai ter que fazer um bori vermelho”. O bori vermelho é metade de uma feitura, você vai recolher, você vai fazer os ebós, e a gente vai assentar seu orixá.

A mãe de santo veio e fizemos tudo o que tínhamos que fazer, aí ela disse: “meu filho, agora você vá para casa, você vai ficar bem”. Depois do bori eu fiquei bom, aí ela disse: “você vai ter que voltar aqui em abril”, isso foi um mês antes de abril, “que você vai recolher para fazer seu santo”. Eu disse: “mãe, olhe...” aqui em Roraima estava com um terreiro prontinho para inaugurar, mas foi na época que eu adoeci. Eu disse mãe eu vou tentar vir. Ela disse: “não, mas você vem”, eu disse: então tá!

Fomos embora para Santarém. E aí quando chegamos lá, a mãe de santo disse assim: “não falei que você vinha? Você tem que confiar no seu santo”. E recolhi. Houve uma grande festa. E fiz o orixá, fiz o santo. Tem o kelê, são 90 dias que a gente tem que passar de resguardo no cala. Aquele paramento todo em cima da gente. Eu disse: mãe de santo eu tenho que ir. Eu não posso passar esse kelê. Eu tenho que voltar para Boa Vista. Eu tenho que trabalhar. “Não meu filho, vá. Quando tiver perto você vem”. E aí foi assim que aconteceu. E comecei. Vim para Boa Vista e comecei o candomblé aqui. Comecei a firmar sobre ele, eu não tinha jogo porque só podia jogar búzio depois de 7 anos, receber o deká, se formar um pai de santo.

No meu caso, não tinha. Eu estava novo, eu não tinha nem nome de santo. Aí ela disse assim: “meu filho você precisa *dum* jogo, só que você fez santo agora. E foi quando eu comecei. Começando a juntar as pessoas, comecei a jogar, tudinho. E, ela só me falou uma coisa: “você pode jogar, você pode fazer seus elos tudinho, mas você não pode fazer santo ainda. Santo só com 7 anos, quando você receber seu deká.



Fotografia: Ilé Axé Yapá Omimladê. Valmik Mota, 2019.

Houve um tempo em que me desliguei da casa da minha mãe, porque ela entrou em uma nação que não tinha nada a ver com a minha, saiu do Ketu para entrar no Jeje. Então, o Jeje já é outra coisa que não é o Ketu. E aí houve uma reunião, muitos, a maioria ficou com ela, e eu fui um dos que não concordei eu disse: olhe eu não vou ficar. A minha religião a senhora me colocou no Ketu, e em Ketu ela vai ficar, não vou me desligar da senhora. E nunca fiz isso, claro. Mas da religião eu não vou. Eu não quero. E nesse tempo foi aonde eu fui para Bahia e procurei um grande pai de santo de lá, o Pai Lídio de Oxalá, muito bom, inclusive, tem muita gente de Manaus que é filho dele. E foi quando eu passei a dar minhas obrigações. Eu dei minhas obrigações de 14 anos com ela de 7. Mas a de 21 eu já dei com ele.



Fotografia: Pai Mário. Acervo pessoal Pai Mário de Oxum.



Fotografia: Ilé Axé Yapá Omimladê. Valmik Mota, 2019.



Fotografia: Ilé Axé Yapá Omimladê. Valmik Mota, 2019.



Fotografia: Ilé Axé Yapá Omimladê. Valmik Mota, 2019.

ORGANIZAÇÃO E HIERARQUIA

Eu que determino o que é que vai se fazer, mas já pelo tempo que a casa tem existe ogãs que já sabem fazer as obrigações. São os ogãs chamados de Axogum, essa qualidade de ogã, que me ajudam nas oferendas, que é o homem que tem a faca na mão. E existe os Alabê que são os tocadores de tambor, que é do Rum, Rumpi e Lê, são três tambores e esses são os nomes deles. Enfim, tem vários toques que a gente tem que saber o nome. E eles é que fazem o candomblé comigo. A nossa casa tem muitos ogãs jovens, muitos rapazes que são membros da casa, que são da família de membros da casa também. Como tem muitas moças, rapazes que fazem parte da roda de Yaô que são feitos também. Não existe candomblé

sem ogã, sem equede, sem os abians, porque os abians são as pessoas que começam, aquelas que não sabem de nada ainda que ficam curiosa com tudo, que vão ser feito. A palavra abian quer dizer aquele que vai ser feito. O Alabê é o responsável pelo tambor, pelos toques. As equedes são a qualidade de senhoras que me acompanham, são meu braço direito, aquelas que me ajudam a cuidar dos orixás aqui dentro. Elas que limpam, jogam a água, dão banhos neles, enfim, estão sempre fazendo a manutenção sobre eles. Iabassê são responsáveis pela comida, é uma senhora, que não pode ser homem, mas pode contar com ajuda de homem, é uma qualidade também feito porque todos têm que passar pelo processo de feitura. É todo um conjunto.



Fotografia: Ilé Axé Yapá Omimladê. Valmik Mota, 2019.



Fotografia: Ilé Axé Yapá Omimladê. Valmik Mota, 2019.



Fotografia: Ilé Axé Yapá Omimladê. Valmik Mota, 2019.



Fotografia: Ilé Axé Yapá Omimladê. Valmik Mota, 2019.

RITOS E CELEBRAÇÕES

O calendário daqui funciona todo mês, começa a funcionar todo o mês de janeiro, que é uma festa que não é de candomblé, que a festa do meu caboclo que é o caboclo Roxo e da princesa Mariana, eles são os donos da parte de lá (parte externa ao salão principal). Então começa a celebração da jurema deles dois, que eu passo a jurema para eles. Faz a comida, quem faz, geralmente, eu não faço porque aqui na casa a gente não faz comida como nas outras festas. Para o caboclo a gente faz as comidas e traz para dentro do barracão, é distribuída dentro do barracão, nas cores, tudo. Pode fazer pirarucu, geralmente, são coisas de peixe, peixe assado, muita fruta e aluá de abacaxi, de maçã, de tudo. E isso tudo é dado para as pessoas que vem para o terreiro. Essa é a primeira festa, depois dessa a gente tem a festa de junho que é a festa da cigana. A cigana ela é um guia espiritual que toma conta do barracão. Ela vem em mim, ela é uma gira. A pomba gira cigana é uma espécie de gerente aqui dentro. Na festa dela são três noites, a primeira noite tem um bailão que a gente chama que é toque para os convidados, enfim, os pais de santo incorporam também, se trajam, se vestem e os guias chegam e, é muito bonito essa primeira festa. E tem a parte de comida, de bolo, tudo normal, e é quando é liberado bebida alcoólica aqui, mas lá fora para pessoal. E as entidades, elas não bebem aqui dentro, por causa do espaço que é do santo.

E a segunda noite já é uma festa mais calma, tem toque, toca tambor também, mas não é como a primeira, a gente chama a noite do chá, que ela faz o chá dela, apresenta uma mesa bem longa em cima dela é colocado várias variedades

de frutas, salgados, bebidas, pudins, enfim. Toca tambor também, como na outra, mas é uma coisa mais calma. Eu sei que na segunda noite é quando ela se diverte mais porque na primeira é muita coisa e ela tem que ficar atenta. E já no terceiro dia, já não é mais ela, é o meu boiadeiro, seu Jararaca Tuita, que é o nome dele, que é o samba do meu caboclo. Essa daí já faz parte do candomblé, essa última. Porque na minha nação não tem caboclo, no Ketu não tem caboclo. Tem caboclo no angola.

Em maio tem a festa dos pretos velhos, que também não é do candomblé, mas se agrupa a gente, na festa da Vovó Chica da Guiné. Em abril tem a festa de Ogum, esse já é candomblé.

Temos a festa do Tranca Rua que é uma festa mais respeitosa, mas antes temos a festa de São Cosme que também não é candomblé. Mas assim, a festa de São Cosme é porque eu fiz uma promessa quando no meu tempo de umbanda, minha mãe ficou doente, mas graças a Deus fiz uma promessa e minha mãe ficou boa e eu disse para as crianças que eu enquanto vida tivesse, eu ia fazer a festa deles. Então a gente faz a festa deles, mas é muito bonito. A festa é em setembro e isso aqui enche de menino. Meu erê chama Pingo de Ouro, é uma menina e ela vem. E ela pediu para gente que nos mandássemos para ela uma burrinha e um boi, um boi mesmo de pano. Esse boi nós tivemos que ir em Parintins buscar. Não tem comida para as pessoas, para as crianças. Tem picolé, algodão doce, bombons, brinquedos etc. E quando termina isso os meninos estão com as mochilas cheias de bombons. É

muito bonito a festa de São Cosme. É uma das festas que eu gosto muito, que é das crianças.

Nunca tivemos problemas com os vizinhos, mas existe a dificuldade para encontrar certos bichos. A nossa grande dificuldade é financeira porque tem festas que fazemos aquelas festas imensas, as festas aqui são grandes, e a gente não regrada. Investimos muito no santo porque quanto mais a gente investir, mais ele manda para a gente.

NOVAS GERAÇÕES

Para a minha religião é uma coisa muito sagrada. Às vezes existem pessoas que falam “não, vou esperar meu filho crescer para ele ver se vai ficar na religião”. Eu não penso assim. Os meus netos, eu não tenho filho, só tenho duas filhas que já são mãe de santo, os meus netos todos já são iniciados. Completou sete anos e inicio eles, porque essa é a nossa religião, eu não vou esperar eles crescerem para eles escolherem religião, eles vão crescer dentro da nossa religião. Eu tenho neto ogã, eu só não tenho neto equede, tenho neta yaô, são meninas de 14 anos, ainda são jovens, e, mas já sofremos, eles já sofreram preconceito na escola. Já tive que ir lá. A mãe já teve que ir lá para explicar sobre isso, principalmente, no tempo do resguardo do kelê, que fica com aquela tralha toda em cima e muita conta, é búzio, é senzala e, umas das coisas também que a pessoa fica todo o tempo com a cabecinha amarrada, porque tá careca, raspa. Então tem esse negócio do bullying, uma criança fica chamado isso e aquilo. Geralmente

quando isso acontece eu vou lá e digo: “olha, essa pessoa vai passar por isso, por isso porque ela é dessa religião”. Converso, chamo os diretores, os professores e eles falam. “Não, pode sim seu Mário, pode deixar”. Agora não, mas no começo já tivemos.

A escola me recebe muito bem, não tenho problemas com eles. Acredito eu, que até um pouco de medo eles tem de mim, mas a gente que é do santo, infelizmente é assim, a gente passa isso para as pessoas, porque tem muita gente que tem, eu sinto que a pessoa tem um receio. Eu digo: “não, conversa comigo direito, vem cá, eu não sou bicho não”.



Fotografia: Ilé Axé Yapá Omimladê. Valmik Mota, 2019.

AMOR, FÉ E RESISTÊNCIA

A nossa religião é uma religião que abrange toda a natureza, cada orixá toma conta de uma parte da natureza e que os pais de santo se interessem por isso, se interesse mais por isso, pelo estudo do orixá, porque tem que estudar. A religião é uma religião que quanto mais a gente estuda mais a gente aprende sobre ela, são os fundamentos. Então eu peço que os pais de santo que estão começando agora, porque tem esses que estão começando, pais de santo novos, casas novas, que se interessem por isso, que peguem a bandeira do candomblé e ensinem para as pessoas verdadeiramente como é que é, para os seus filhos, para os seus ogãs, para suas equedes. O candomblé não é uma roda de ciranda não. Porque, geralmente, hoje em dia, as pessoas estão se vestindo muito bem, chegando no terreiro como se fosse o rei, e quando pegam um orixá não sabem nada. Não sabem cantar, não sabem rezar, não têm a desenvoltura de um pai de santo. Então, o candomblé não é um desfile de moda. É uma religião. Eu vejo como tal. Então, é pedir para os pais de santo se integrar de tudo isso e falar realmente o que é o candomblé, seja a nação dele, o que for, porque cada uma é diferente. Aqui se chama orixá o santo. Já lá no Angola não é orixá, já é Inquice, aqui é Ayao, então, tem que ensinar a sua origem verdadeiramente do seu candomblé.

A pessoa que pretende ser pai de santo tem que ter muita paciência. Eu quando cheguei na casa da minha mãe que eu vi são detalhes, a língua Iorubá. Quando eu vi e disse: “meu Deus eu nunca vou aprender isso”. Tudo em Iorubá,

mas graças a Deus eu aprendi. A gente pensa que é simples, mas não é. Eu tive que estudar na Bahia Iorubá tudinho, tive que aprimorar tudinho. Eu tive que ir muitas vezes na Bahia. Meu pai passar apostila para eu gravar. Fundamentos, enfim. Para ser a casa hoje como é, então essas coisas eu investi. Ser pai de santo aqui sai muito caro, pois é a vestimenta do pai de santo de Oxum, tudo de Yansâ.

É muita coisa, e tem que comprar fora. Minha última obrigação que eu dei no último ano, custou caro. Meu pai de santo passou aqui um mês fez tudo, mas também deixou nosso terreiro tudo prontinho. Hoje em dia eu sou um pai de santo que não tem um pai de santo para pegar mais no meu ori porque quando ele acabou aqui dentro, que ele fez tudo, não tinha muito espaço, era pequeno. Depois que eu estava aqui ele disse: “isso aqui é para você, uma cuia, isso aqui, quando você sentir qualquer necessidade, faça assim, assim e assim, chama seu ogã, prepare o ronco do seu santo, coloque na sua cabeça você mesmo. Você não precisa mais de pai de santo, de hoje em diante”, graças a Deus.



Fotografia: Ilé Axé Yápá Omimladê. Valmik Mota, 2019.

CAPÍTULO 6

Ilé Asé YèYe Omi Tuntun

Sinto-me feliz nessa nação, e é a água que vem me dando e matando a minha sede.



Fotografia: Pai Zezinho. Valmik Mota, 2019.

Meu nome é José Soares Filho, mais conhecido como Dofono, que é o nome junto da minha nação. A minha nação é Ketu, vem já vários anos, e minha casa é o Ilé Asé YèYe Omi Tuntun.

A minha casa foi fundada ainda no Pará. Em 1988, já tinha a casa aberta, foi quando ela passou a ter um registro. Eu abri minha casa, ainda trabalhava na Umbanda. Minha casa tinha tradição muito antiga. Quando eu mudei para Roraima, fiquei um tempão sem abrir a casa, mas quando a gente nasce para uma missão, a gente não pode parar. Aí, reabri a casa novamente aqui, em 2006.

A minha casa foi inaugurada em 2006, com a festa da minha Oxum, que é no dia 8 de dezembro, e daí passou a funcionar com todas as suas regalias e com toda a sua disciplina. E foi quando foi juntando os filhos que agora se encontram. Mais ou menos uns vinte filhos na casa.

A nossa casa é de Ketu, sempre todas as casas têm uma hierarquia a cumprir. Inicia do babalorixá. Do babalorixá, vêm os ogãs. Só ogã, na minha casa aqui, eu tenho dois, três. Três já iniciados na casa, e tem uma equedi iniciada na casa também, e tem mais quatro ogãs que foram suspensos agora na festa da Oxum, dia 8 de dezembro.

Por enquanto, a minha mãe iyakekerê ainda é apontada, ela não é iniciada ainda, porque ela não iniciou, ela apenas foi apontada pelo jogo. E manter a casa com essa hierarquia, babalorixá, ogãs, ekedi e a mãe iyakekerê, que é a mãe pequena, e daí os zambians e iaôs, que são iniciados.

Minha santa é Oxum. Oxum Karè, a minha santa. O caminho da minha santa é Karè. Eu sou filho de Oxum Karè com Oxóssi e Logun Ede. Mãe, pai e filho.



Fotografia: Ilé Asé YèYe Omi Tuntun. Valmik Mota, 2019.



Fotografia: Ilé Asé YéYe Omi Tuntun. Valmik Mota, 2019.

O ogã é os olhos do pai de santo, por isso ele não dorme com o orixá. Ele faz todo o sistema de segurança, quanto o sistema de limpeza na casa. Tudo. Ele acende a roça faz toda a firmeza da casa, sem precisar que eu mesmo vá fazer. Fazer as obrigações, cortar os animais, faz o sacrificio tanto para Exu quanto para caboclo, quanto para orixá, para tudo. Eles veem, fazem limpeza da casa, fazem limpeza do barracão. Eles não esperam só pela iaô e pela zambian fazer, não. O ogã, ele já se diz o nome, é o Senhor da Casa.

A nossa não tem caboclo, nossa casa tem encantaria. Nós não temos Rompe Mato, nós não temos Cabocla Jandira, Cabocla Jacira, essas coisas assim, não temos. Nós temos encantaria, que é de onde vêm os encantados. Eu tenho uma cigana. A minha cigana é Tata Granita. Eu trago duas ciganas na minha cabeça. Eu não tinha Maria na minha cabeça. Depois dos meus vinte e um ano apareceu uma Maria, que é a Maria Mulambo. Dona Maria Mulambo.

A INICIAÇÃO

A minha trajetória maior sempre foi do Pará para cá. Foi quando a convivência me nasceu a entrar na religião, da qual a gente não entra, a gente é convidado pelo próprio orixá. E com nove anos foi minha primeira incorporação. Desses nove anos ficou suspenso em dois anos, mais ou menos, porque eu era muito pequeno, então não podia.

Naquela época, a Umbanda não aceitava criança. E depois, com meus quinze anos, quatorze anos, apareceram novamente os orixás na minha vida. E fiquei, até agora, e já tenho meus vinte e um anos de santo feito.

Da Umbanda fiquei vinte e três anos. No Banto, fiquei dez anos e fui para o Ketu, que hoje estou, vou fazer trinta



Fotografia: Pai Zezinho. Valmik Mota, 2019.

anos agora no dia 11 de novembro. Fui iniciado no candomblé em 1988, e daí meu pai faleceu em 2009, fui obrigado a fazer as obrigações em outra casa, mas na mesma água, no mesmo Ketu.

Entre na casa de meu pai sem ter conhecimento do que era o Ketu, que eu tinha conhecimento só o Banto. Mas, como a gente diz, a gente entra do zero quando se passa de uma casa para outra. A casa não considera os anos de santo que você tem, os anos de caboclo que você tem na sua cabeça, que é na Umbanda ou no Banto. Então, a casa não considera. A gente começa tudo do zero, como iaô cabisbaixa, tudo direitinho, e minha casa é uma casa com mais de cento e poucos filhos de santo. Então é uma casa de tradição, meu pai foi feito na Bahia, minhas famílias de santo, a maioria, a minha família passada é toda baiana.

Meu pai faleceu em 2009. É uma perda que a gente não apaga, por mais que você siga o caminho. Aquilo ali fica, porque ele era, além de um pai, um amigo. Ele abraçava você como estivesse e fazia de você um filho, sim. Como se fosse um filho de sangue. Um pai maravilhoso, meu pai. E é uma casa de tradição. Muitos ensinamentos, uma hierarquia bem voltada para a nação de Ketu, e a gente se criou ali.

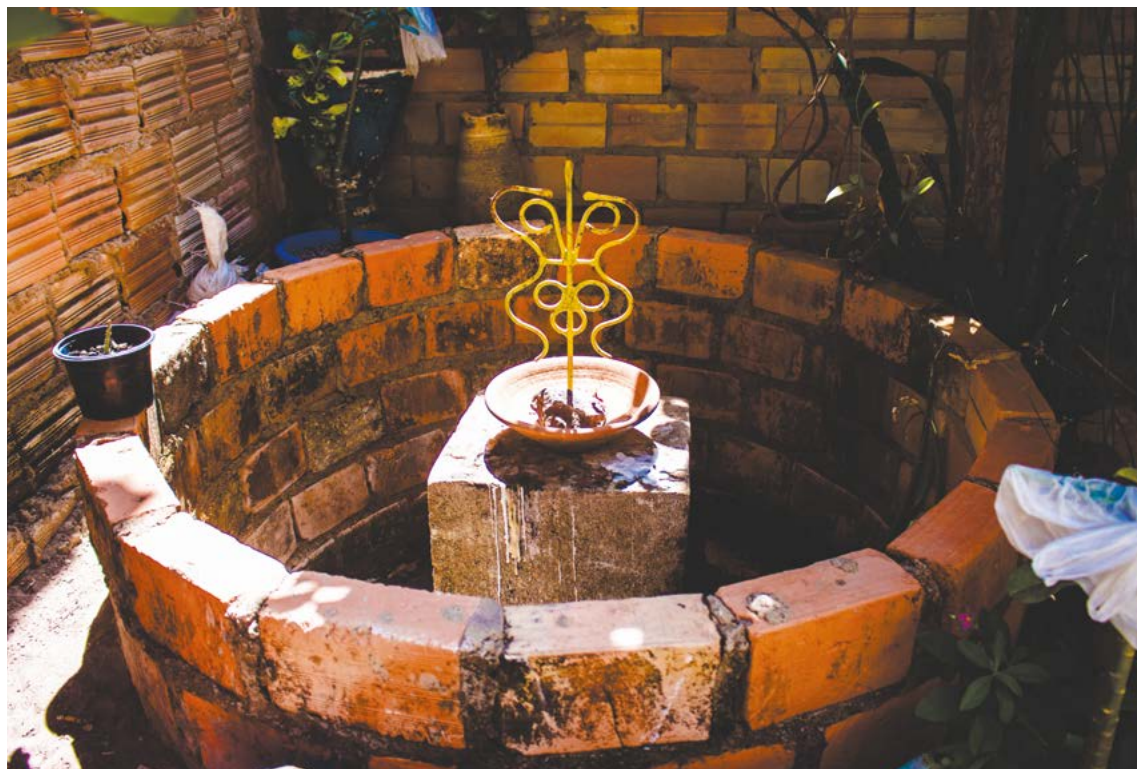
Da Umbanda, fiquei 25 anos de umbanda. Olha, isso foi muito interessante. Que a tua casa, você vê que ela está faltando alguma coisa, algo está te faltando, alguma coisa precisando ser completada ali. Então, a Umbanda, para mim, foi maravilhosa, não tenho nada que falar dela. Mas, no final já dos vinte e cinco anos de Umbanda, deixou a desejar muito.

Minha casa caiu, deu um pouquinho lá embaixo, perdi filho de santo. E quando eu joguei com a mãe de santo do Banto ela me disse que eu tinha que fazer uma obrigação, que eu não tinha nada a ver com a Umbanda.

Como a única opção era essa, que eu não conhecia o Banto, não conhecia Ketu nenhum, nunca ninguém tinha ouvido falar de Ketu, fiz essa obrigação com ela. Fiquei dez anos na casa. Com dez anos a gente saiu da casa. Foi quando eu fiquei sem casa nenhuma e procurei uma casa, e foi quan-

do encontrei a casa de meu pai em Belém, que é casa de Ketu, e daí começou a trajetória no Ketu.

Quando eu estava na casa de meu pai, nas obrigações de fundamento, foi quando a minha mãe de santo do Banto morreu, faleceu, em Itaituba. Quando cheguei lá, ela tinha falecido. É uma história, uma trajetória de vida um pouco de muita saudade, de muita falta das pessoas do qual fazia parte da minha. Mas, sempre eu procurei amenizar a saudade e trazer para o lado do orixá, me fortalecer através deles, dos meus orixás.



Fotografia: Ilé Asé YèYe Omi Tuntun. Valmik Mota, 2019.



Fotografia: Ilé Asé YèYe Omi Tuntun. Valmik Mota, 2019.

RITUAIS E CELEBRAÇÕES

A santa, quando ela tem a necessidade na casa, a própria orixá pede que faça a suspensão de um ogã. Então, os ogãs estavam pouco para as funções, porque nós temos ogã e cada um tem sua função. E aí ela pediu no jogo, que, nos meus vinte e um de santo, lhe trouxesse uma equedi, um iaô e um ogã. Foi quando foi iniciado um iaô, foram iniciados uma equedi e um ogã, nos meus vinte e um de santo, que foi pago. Depois daí, ela voltou a pedir novamente mais ogã na casa, que viesse mais ogã. E ela trouxe os ogãs.

E essa trazida do ogã, foram suspensos quatro no dia da festa dela, no dia 8 de dezembro, que ela mesmo suspendeu. Suspender, se coloca a pessoa em uma cadeira, vêm os outros ogãs e a santa. Claro, em primeiro lugar vem a santa, e levanta, leva até a porta, leva ao meio do barracão, leva até os atabaques e volta a sentar. E todo mundo toma benção, e daquela hora em diante ele passa a ser um ogã na casa com todos seus respeitos. E a santa, acompanhando ele dali. Ela quem primeiro pega na cadeira do ogã.

Nós fazemos uma reunião sempre antes da festa, uns três dias antes ou mais, dependendo da grandeza da festa. Como a nossa casa está com esse tanto de ogã e as outras pessoas que são acompanhantes, que são pessoas de iaô e que são abiãs, então a gente divide as tarefas, cada um pega os seus afazeres.

Os ogãs vão cuidar das obrigações de animais e de cortes, e tudo isso, tudo o mais. Outros ogãs vão cuidar dos atabaques que vão orientar os que estão tocando, os que vão tocar, não deixar todo mundo tocar nos atabaques. Nossos atabaques comem, também. Eles têm seus orixás.



Fotografia: Ilé Asé YèYe Omi Tuntun. Valmik Mota, 2019.



Fotografia: Ilé Asé YèYe Omi Tuntun. Valmik Mota, 2019.

Para a mãe iyakekerê, que é a minha mãe pequena apontada, ela é a cozinha, que tudo dela é lá. E nós temos também um chefe de cozinha, que é filho de santo, que é ogã também na nossa casa, só que ele não é do Ketu, ele é juremeiro. É obrigação de Jurema dele. Mas, é da casa, e quando é a época de festa, ele também toma conta da cozinha.

Dia 23 foi a festa da minha cigana, que era para ter tocado no dia 19 de março, mas não foi possível, porque era meio de semana e todo mundo trabalha. Esse menino mesmo, que é o ogã, que ele é o chefe de cozinha, ele trabalha fora daqui, numa fazenda. Ele administra a cozinha dessa fazenda.

Nós temos a festa do Seu Boiadeiro, que é no dia 24 de junho. Meu pai Boiadeiro. Nós temos Dona Chica Baiana, que ela não pede festa. A festa dela mesmo, se fosse fazer a festa, que não está no calendário, mas, nós mantemos a festa dela no calendário. Só que ela não cobra. Mas, como ela é muito boazinha e trabalha muito, a gente faz a festinha dela, sempre no dia 27 de setembro, está no calendário. E no dia 8 de dezembro é a maior festa da casa, que é a festa da Oxum.

Todas são abertas ao público, é um prazer a gente receber todo mundo. Essa festa agora eu não estava esperando o tanto de gente que apareceu. Para mais de duzentas pessoas apareceu. Encheu isso aqui. Oh, pequenino o espaço, já lotou. Eu tive a honra também de ter meu pai de santo na festa, meu pai pequeno é Tatá Bokulê, dos meus vinte e um, e ele teve também presente na festa. Teve também meu pai Júlio de Odé, também na festa. E fui agraciado com a presença desse pessoal.

AS NOVAS GERAÇÕES

A maioria são todos casais, os meus filhos. É, eu sou avô. Quando enche aqui, é um monte de curumim: “ô, vô!”. Tem agora uma menina de dez anos que foi apontada equedi, que ela já é suspensa também.

Quando for para iniciar essas crianças que tem nessa casa, aliás, são três. São três... Quatro! Três são iaôs e uma equedi. Quando for para iniciar, eu vou em busca da lei, para poder me respaldar. A gente tem que passar no Conselho Tutelar. A gente tem que passar pelo Conselho Infantil, acho que é o Conselho Infantil, alguma coisa assim, para poder a gente fazer obrigação na criança porque, se não, eles vão considerar que é mutilação na criança, porque se faz cura na pele. Além de raspar, se faz cura. E aí eles vão entender que é mutilação, e a gente tem que passar por esses órgãos, todos, pegar documentação, junto com os pais, claro, porque os que estão autorizando. Não tem melhor que os pais para autorizar.

É como eu disse aqui em casa: “gente, eu não vou passar o pedido da mãe e fazer a coisa ao deus dará, como já aconteceu em certas casas por aí”. Até esbarrar no candomblé já esbarrou, em alguma casa por aí. Entrou no roncó. Porque com isso não pode fazer.

Dessas crianças nós temos todos para ser iniciados, a família inteira. Só na casa de meu ogã, que o ogã de Alagbê, que é o ogã de atabaque, que é quem organiza os toques, da casa dele é a família toda. Ele e mais um filho mais novo é ogã, o outro é iaô e a mulher, iaô. Da outra casa também, que é do rapaz que também é ogã da casa e é meu pedreiro, que

faz tudo isso aqui para mim. Da casa dele também, todos. Da casa dele são dois ogãs, o pai e um filho, e a mulher que é iaô, e as duas meninas que são iaôs. Todo mundo da família, graças a Deus, aí não tem problema.



Fotografia: Ilé Asé YêYe Omi Tuntun. Valmik Mota, 2019.

CONVÍVIO, RESISTÊNCIA E CAMINHOS

Dez anos a Comadre Preta ficou na minha casa porque, quando ela veio para Itaituba, eu trouxe ela de Pacajá, ela estava doente, eu fui deixar um filho meu que tinha falecido, e aí cheguei lá e ela estava doente e me convidaram para ir lá olhar ela. Cuidei dela e marquei para ela vir com a gente para Itaituba. E ela veio e a gente tratou dela, cuidou dela e ficou na minha casa dez anos. Uma pessoa que eu amo muito. Quero bem demais dela.

Foi quando ela cuidou da mulher do Thomas. O Thomas, aquele torrão ainda lá do Maranhão, que não confia em todo mundo. Nós morávamos todos num bairro só, e tinha a casa dele aberta, eu tinha a minha aberta, e nós se visitava, quando tinha toque um na casa do outro. Eu vim a trabalho. Aliás, eu vim quase a passeio, vim através da Mãe Antônia Cuiabana, que é mãe de santo daqui, que tem um salão ali na Rua Treze. E ela foi lá me buscar para poder fazer um trabalho para ela.

Quando cheguei aqui, eu fiz o trabalho dela, todos os trabalhos direitinho, e foi aparecendo cliente, e foi aparecendo pessoas para eu trabalhar e fiquei. Só mandei buscar minha família. Foi muito interessante, do jeito que cheguei aqui fui logo ficando.

A minha casa tem sua própria associação. A minha associação é a FUABE. Ela funciona na própria casa, associada aos meus filhos, da minha família, da minha comunidade. É a Fundação da Unidos do Terreiro. É que esse nome vai ser mudado, por causa do registro dela, que está em trâmite na Secretaria da Fazenda do Estado. Está para lá ainda. Eles pediram que eu colocasse outro nome, que até eles sugeriram. Lá mesmo eles sugeriram outro nome, que não foi passado para mim ainda.

Tem CNPJ, tem tudo. E também, lá dentro tem uma cláusula, aonde registra uma escola, onde é para funcionar a escola. Não está funcionando a nossa escolinha por falta de prédio, que nós não temos um prédio para funcionar nossa escola, da nossa associação. Uma escola fundamental, de ensino fundamental. Para a comunidade em geral.



Fotografia: Ilé Asé YèYe Omi Tuntun. Valmik Mota, 2019.

Então, à época funcionou. Nós já tínhamos mais ou menos uns cinco colaboradores que botavam os filhos e entraram na associação para colaborar com a gente. Mas, a gente ficou sem prédio, porque só podia eu fazer parceria com Estado e Município se a casa tivesse os documentos todos pagos, tudo legalizado, e a casa não tinha. Nós já temos registro da casa, nós temos estatuto e tudo. Esperando só o advogado assinar. Que ele já tinha todos esses documentos.

Agora nós fizemos novas laudas, acrescentamos mais coisas que a casa necessitava, como, de fato, colocar a escola, como, de fato, colocar algumas ações sociais que nós precisamos acrescentar. Como a casa tem essas ações de corte e costura, nós íamos colocar corte e costura, nós íamos colocar crochê. São essas ações dentro da casa para poder expandir para nossa comunidade.

Graças a Deus eu não tenho nada a declarar de maldade e ruindade dos meus vizinhos, tanto de um lado como do outro. Aqui é evangélico e aqui são católicos, mas não me interferem em nada. Aqui nos fundos também não me interfere em nada. Todos vêm participar.

Somente aqui aos fundos, que esse moço, ele tentou, por duas vezes, fazer reclamação. Inclusive até ele ligou para a Prefeitura e veio aqui querer embargar a minha obra, na época, que eu estava iniciando lá atrás. A prefeitura chegou aqui, eu disse: “mas, aqui você não pode fazer nada, porque aqui não é da Prefeitura, aqui é do Estado. Eles deram parte, mas, entra aí para você ver. E eu não vou parar de fazer minha cozinha por causa do meu vizinho, não, meu senhor. Não vou mesmo! Isso aí não tem lei mesmo que faça. Estou dentro do

meu estatuto, estou dentro da minha lei. A lei me assegura isso. Meu senhor, não sou tapado! Vou lhe mostrar a lei que me assegura e que me dá respaldo disso.” Aí, ele foi embora. Arrancou o papelzinho dele e foi embora.

Graças a Deus, até agora, como a gente vem falando, eu não tive ainda nada que venha me atingir na minha religião, ou que venha a atrapalhar minhas obrigações, meus cultos. Outra: a gente teve uma vitória, que eu acho muito importante ser falado isso, que é o sacrifício dos animais, que a gente ganhou na justiça.

A gente trabalhou muito em benefício disso. Graças a Deus, nós ganhamos essa vitória. Que é uma coisa muito importante, a justiça estar do nosso lado, não nós contra a justiça.

Tem que ir longe, viajar longe para poder adquirir os animais, para Alto Alegre, Normandia, Passarão. Muito longe, muito longe. Mas, graças a Deus, nós temos duas pessoas que nos ajudam e colaboram com isso. Engraçado, eles não são do santo, mas, graças a Deus, Deus abençoa e toca o coração deles.

Se, entre aspas, se nós tivéssemos um Governo, um Governador ou a Prefeitura se interessasse por isso, ou a universidade se interessasse em nos ajudar, a gente ia obter um terreninho para plantar nossas plantas, era uma maravilha. Porque nós temos essa dificuldade. Eu acho que toda casa tem essa dificuldade, porque a maioria das ervas e sementes nós buscamos de fora. Tudo de São Paulo e paga frete. Além do preço das coisas, a gente paga frete. A maioria é de São Paulo, Rio de Janeiro, da Bahia tem mandado buscar

também. Quando eu necessito para recolher um filho, mando buscar tudo. Do Exu ao Oxalá, tem que mandar buscar.



Fotografia: Ilé Asé YèYe Omi Tuntun. Valmik Mota, 2019.



Fotografia: Pai Zezinho. Valmik Mota, 2019

CAPÍTULO 7

Ilê Asé Yewalê Bemy Ti'Yemonja



Fotografia: Delmiro José Carvalho Freitas, Ilê Benin de Iemanjá (conhecido como Pai Delmiro). Tiago Reis, 2019.

Recebi meu ibaxé em Manaus, Amazonas, meu babalorixá é de lá, mas como eu moro em Boa Vista, Roraima é... Eu assumi minha responsabilidade na terra onde eu vivo e tenho meu dia a dia.

A minha casa é uma casa de Ketu, uma casa de candomblé da nação Ketu de Iorubá. Quando eu fui jogar com o meu babalorixá que chegou meu tempo de receber todo meu axé, ou seja, minha cuia, meu deká que faz eu ter autonomia para cultivar a casa própria, então ele jogou e disse que tinha chegado o momento de receber a cuia de axé, que meu orixá que é Iemanjá, e tinha pedido casa aberto e filhos de santo. Até eu mesmo não acreditava porque eu morava de aluguel e achava que não tinha como. Ele disse que eu aguardasse que tudo ia se resolver. Então abri casa num apartamento alugado e lá comecei a cultivar, aonde a casa começou a encher de filhos e começamos a crescer e levar para frente toda essa história que hoje a gente vive em amor ao sagrado.

Então, a família Yale Benin começou no raiar do sol, de lá nós caminhamos atendendo o chamado da comunidade, conseguimos uma casa aqui no Bela Vista. E daqui todos nós mesmos, enquanto eu babalorixá e os filhos de santos, ogãs e equedes construímos esse barracão com nossos próprios punhos, nossos próprios braços, nossas próprias mãos, colaborando entre nós mesmos e fizemos essa roça que hoje nós temos desse tamanho.



Fotografia: Acervo pessoal Pai Delmiro Freitas.



Fotografia: Ilê Asé Yewalé Bemy Ti'Yemonja. Tiago Reis, 2019.

HIERARQUIA

Babalorixá, as equedes e os ogãs. Os cargos são dados por Iemanjá em seu tempo certo para a administração da casa. Eu tenho Babalaxe, na ausência do babalorixá é ele que responde pela casa, ou seja, o herdeiro do Asé; Baba Kekere, pai pequeno da casa, o segundo que responde na ausência do Babalorixa; Baba Efun, aquele que queima o Efun, ou seja, pinta o Yaô; Baba Iba, responsável por cuidar dos acentos dos Orixas; Baba Agibonan, aquele que cria os Yaos quando recolhem para nascer, conhecido como pai criador; Babá Ewe Ewe, cuida das folhas quando Yaô está recolhido, é o pai das folhas; Babá Egbé, pai da comunidade que recepciona todos e prepara a roça para recepcionar todos os convidados; Baba Morô, responsável por tomar conta da casa de Bara, é o pai de Esu.



Fotografia: Pai Delmiro e Equede (Rosa Barroso). Tiago Reis, 2019.



Fotografia: Ilê Asé Yewalê Bemy Ti'Yemonja. Tiago Reis, 2019.

ORGANIZAÇÃO

Geralmente quando tem as grandes festas de realização da casa, que é a festa de Iemanjá, Olubajé, que é o banquete do rei, que é a festa de Omolu, Afexu, que são os samba de Exu, ou seja todas aquelas festas realizadas, três dias antes todos chegam na roça para a gente dividir os trabalhos. Então, entre nós mesmos nós colaboramos mais além do que eu, as pessoas da comunidade colaboram com a nossa casa e aí a gente constrói as festas, representatividades, os ritos que a gente faz dentro da roça. Cada qual tem seus tributos, a gente delibera quem vai cozinhar, quem vai receber, quem vai limpar e quem vai manter a casa, mas sempre também estamos reunidos para fazer os desenvolvimentos e os ensinamentos

da casa de como é que leva uma vida prolongada dentro da vida do santo, dentro da vida do orixá.

Todas as sextas-feiras, sendo uma sexta-feira a gente faz o desenvolvimento para caboclo, e a outra sexta feira nós fazemos o desenvolvimento para exu. Uma vez por mês na primeira segunda-feira do mês como é dia de Omulu, a gente faz o tabuleiro tocado, mas todas as segundas-feiras se faz o tabuleiro rezado com as equedes e os demais presentes que gostem de fazer as suas devoções, e pedir suas curas ou troca de energia semanalmente para poder enfrentar sempre o dia a dia no trabalho, em casa, na família.



Fotografia: Ilê Asé Yewalê Bemy Ti'Yemonja. Tiago Reis, 2019.

CELEBRAÇÕES E RITUAIS

As grandes festas são realizadas como a festa de Iemanjá que é a nossa dona da casa, nossa patroa da casa. No mês de maio a gente tem a festa que a gente coloca no calendário, por quem é que vai ser escolhida a primeira festa e quem dá a primeira festa da casa é o espírito, a entidade quando chega e fala por onde que vai começar as oferendas que são as festas pra caboclo, as festas pra Exu, que são os que trabalham dentro da casa para manter a casa. Então eles que decidem, as entidades chegam e falam para quem será destinada a próxima festa como oferenda e pilar da casa, mas a grande festa da casa que nós temos hoje é chamado ‘O presente de Iemanjá’ e o Olubajé que é ‘O banquete do rei’.

DIFICULDADES

Em relação aos tambores, aqui em Boa Vista tem, mas não é direcionada como a gente pratica, mas a gente compra aqui por uma questão de quanto tem de condição financeira, mas, geralmente, conforme o padrão da nossa religião a gente tem que mandar buscar de fora, a gente importa. Sobre os panos e tecidos, a gente não tem esses panos, alguns vem diretamente da África. A gente manda buscar de São Paulo, Salvador, na maior parte das vezes, a gente importa elas de fora, a não ser quem tem sua própria criatividade dentro da roça que constrói uma roupa padrão adequada que a gente exige dentro da religião.

Para que as celebrações se mantenham os maiores desafios são conseguir os bichos, porque as nossas oferendas como todos sabem, a gente tem que ter o bode ou a cabra. (..) A gente tem essa dificuldade de quando a gente vai atrás dos bichos não encontrar ou eles saberem que a gente faz parte da religião, não querer vender, às vezes tem, mas não vende ou às vezes chega a um preço acessível que a gente não possa comprar, mas por amor ao santo a gente se reúne todos e consegue aquele valor acessível que a gente precisa para ter, mas o maior desafio hoje que nós temos são os bichos que a gente precisa pra fazer os nosso rituais e sacrifícios.

Para nós dentro do sagrado, sangue é vida. Então tudo aquilo que você consagra com sangue você está dando vida a ela, é aquilo que faz a gente acreditar nos poderes da natureza que é o que a gente abraça, o que a gente acredita e o quê que responde para nós abaixo de Deus, quando a gente quer intervir ou ter como algo que a gente acredita e pede no pé, então a importância do sacrifício é isso para nós.



Fotografia: Pai Delmiro. Jorge Macedo.



Fotografia: Ilê Asé Yewalê Bemy Ti'Yemonja. Jorge Macedo.



Fotografia: Ilê Asé Yewalê Bemy Ti'Yemonja. Tiago Reis, 2019.

AS NOVAS GERAÇÕES E PRECONCEITO

Tivemos um problema que eu enfrentei uma época atrás com uma criança que estava recolhida, ela fazia santo na casa de um irmão de santo e a polícia veio e invadiu. (..) Alegaram que tinha uma denúncia que uma criança estava sendo maltratada. A criança ou qualquer pessoa que adentra a religião do candomblé tem que recolher por um certo determinado tempo. Então ela raspa, ela fica recolhida, mas ela se alimenta adequadamente como todos os outros, e passa por um processo de estudo interno que é o nascimento, que é saber rezar, como se apresentar, é uma nova vida que você nasce, porque o ronco para nós se chama o útero, se chama o quarto de santo ou o berço da nascença, da onde nasce um novo adepto da religião. Então tem todo um processo ritual aonde ninguém pode entrar, há não ser aquele que esteja autorizado. A polícia chegou alegando que tinha uma criança em cárcere privado, que estava sendo maltratado que até tinham encarecado a criança. Então eu tive que me portar a eles e dizer que não era aquilo que estava sendo denunciado, mas que um poderia entrar comigo e ver que a criança não tinha hematoma, não tinha nada, e que o ritual era daquela forma, que aquilo tudo era um processo interno que é da nossa religião. Então eles entenderam. Uma pessoa só entrou, viu, depois retornou. O pai e a mãe estavam presentes, porque quando o pai e a mãe autorizam ninguém de fora pode falar, então no outro dia a gente compareceu lá no Conselho Tutelar e tudo foi resolvido e a criança seguiu seu preceito normal.

Todos nós estamos preparados para qualquer hora, qualquer momento, isso acontecer, inclusive, agora nesse momento que hoje nossas casas estão enchendo de crianças, participando, dialogando e perguntando tirando as curiosidades e a gente apresenta porque hoje a religião para nós não é mais apenas uma coisa escondida, é uma religião aberta e nós explicamos para as crianças como é desde cedo.

Não é mais aquela coisa: ah! A criança tem que batizar na Igreja Católica e depois vir para nós, não. Nós trazemos as crianças junto conosco, mostramos toda a realidade, se elas se adaptam ou não, se for necessário a pedido do Orixá que não é da nossa vontade fazer a gente faz. Fazer isso a gente tem de estar a par de toda essa situação.



Fotografia: Ilê Asé Yewalê Bemy Ti'Yemonja. Tiago Reis, 2019.

A responsabilidade de ensinar as crianças como estar no meio da escola, no meio social, enquanto uma pessoa do candomblé, não é responsabilidade da escola e sim nossa. Como ela se comportar dentro da escola, mas também tem outras pessoas estudando, que hoje estuda terceira idade, hoje estuda jovens, aqueles que perderam seu tempo e hoje estão buscando uma nova oportunidade, mas mesmo assim algumas outras religiões quando assumem as escolas não querem entender das outras e isso é uma grande dificuldade que a gente tem porque a nossa preocupação não é só com as crianças, é com todos os adeptos da nossa religião que tenha que seguir o seu preceito. Por três meses chegar numa escola de branco com seus delogum no pescoço. Então isso precisa ser entendido por eles que é importante para nós. É o que a gente carrega, é o sacrifício nosso, que a gente se importa durante toda a nossa vida dentro do candomblé. E as questões também que a gente tem do diálogo com a vizinhança porque eu não defendo só a minha casa, eu defendo todas as casas de candomblé, todas as casas de umbanda e terecô do nosso estado e, infelizmente, nós temos as questões das dificuldades para tocar, com os vizinhos que incomodam, atiram pedra. Eles também precisam fazer oficina com os bairros e mostrar a vizinhança a necessidade que nós temos, porque o tambor para nós traz a vida espiritual é o chamamento daquilo que a gente acredita como entidade que possa dar resposta para nós na nossa necessidade. Então a gente precisa fazer todo esse ritual, então um dos problemas que a gente tem são esses: a questão da vizinhança incompreensiva; a questão da escola incompreensiva; a questão dos bichos. Porque a gente tam-

bém tem curas, alimentos, que são importantes para nós e a gente tem muito o que oferecer também para a sociedade.



Fotografia: Ilê Asé Yewalê Bemy Ti'Yemonja. Tiago Reis, 2019.



Fotografia: Oyá Gambele. Valmik Mota, 2019.

CAPÍTULO 8

Oyá Gambele



Fotografia: Dina de Oyá, Mãe Orlandina de Matos Farias. Ebon Dina de Gambele. Valmik Mota, 2019.

Meu nome é Dina, Orlandina, as pessoas me chamam de Dina de Oyá. Eu sou bisneta de Nil de Yemanjá e o meu avô é Agedeir de Oxagyan, o meu pai de Santo é Adécio de Logum Eder e eu sou de Oyá, Oyá Gambelê. Minha nação é Ketu. Estou em Roraima agora, tentando abrir a minha casa que não está aberta, essa aqui inclusive é alugada. Então eu não tenho raízes aqui ainda, por esse chão não ser meu, mas tudo o que eu faço, é externo. No momento eu só jogo Búzios, tiro o Ebó, o meu marido faz garrafadas, e rezo em crianças, não tenho tambor aqui ainda, porque ainda vai ter a abertura da minha casa, o terreno. Inclusive nós estamos abrindo uma associação, que já está em andamento, esta associação é o que vai nos ajudar, é o que vai nos levar mais adiante dos nossos procedimentos que estamos pretendendo somente sobre a própria espiritualidade. Então a gente tem vários quesitos para esta associação, inclusive ajudar pessoas carentes que estão precisando, pessoas que têm necessidade de estudar, de fazer uma aula de computação e não pode e tudo a gente vai trabalhar em cima disso, mas isso tudo é quando a gente tiver o nosso canto. Então, a gente tem que ter fé e pé na estrada.

Búzios é uma coisa que eu dizia: “não! Eu nunca vou conseguir jogar Búzios na minha vida!”, porque na Umbanda a gente não precisa jogar Búzios, Umbanda são outras coisas, mas na nação não, porque até hoje tem pessoas que não jogam Búzios: “ah! Que eu não gosto!”. Não é que não goste,

é que é complicado, é uma responsabilidade muito grande mexer com a cabeça da pessoa, porque a partir do momento que você chega e diz: “olha, eu quero um jogo de Búzios, por favor, quero saber um pouco da minha vida, o que está acontecendo!” A responsabilidade é toda minha, então não é qualquer pessoa que lê um Odú.

Hoje é só eu e o Etevaldo, que é o meu marido, o Ogan Etevaldo. Recebo as pessoas que vem aqui para jogar Búzios, as pessoas me procuram mais é para jogar Búzios, eu jogo Búzios e vejo a situação de cada pessoa, dependendo da situação, vai ter os Ébos, vem os Ébos, então dependendo de cada Ébo. Assim vem depois os banhos que são as limpezas, limpezas completas, depois dos Ébos é o banho, tem os presentes, então isso tudo quem faz sou eu, eu aqui sou tudo, eu sou a abiã, eu sou a yaô, eu sou a yalorixá e ele é o ogan. Por enquanto, ele é meu ogan, porque nós somos maridos, só dentro de casa, a partir do portão para fora, ele é um ogan e eu sou uma yalorixá. Podemos até dizer assim, somos irmãos, porque somos do mesmo Axé, o meu pai de santo era outro e morreu, infelizmente morreu e eu tive que mudar de pai de santo, e foi justamente para o pai de santo dele, que é o Adécio. Então hoje a partir do momento que nós entramos lá no ylê somos irmãos, o casal casado é só do portão para fora.

Ele me ajuda, mas eu faço tudo, tudo, se eu for tirar um ebó amanhã, por exemplo, eu já começo a trabalhar hoje à noite. Ebó é uma limpeza geral, uma limpeza completa, porque é como eu falei, por exemplo, cabe a situação da pessoa, do cliente, é uma qualidade, tem vários tipos de ebós. Então eu vou mexer com os búzios mais ebó, é uma limpeza geral,

completa, com direito a alimentação e tudo, e nós temos as ervas aqui e a gente faz o abô ali. O abô é o banho dos Orixás, dos dezesesseis Orixás.



Fotografia: Ogan Etevaldo. Valmik Mota, 2019.

INICIAÇÃO

A minha iniciação foi na casa de Olegário Ferreira, meu Pai Olegário, que foi o meu primeiro pai de santo em Manaus. Fiquei na casa dele até completar meus 7 anos de idade. Depois que eu me formei, com meus 7 anos, por algum motivo sério, eu saí da casa dele, então fui para a casa do Pai Adécio que hoje é meu Pai de Santo.

Eu não estava esperando e, eu nem sabia que tinha que fazer essa iniciação, que tinha que raspar porque eu era da Umbanda, mas eu acho que quando você está há um certo

tempo, como eu já estava na Umbanda... já trabalhava há muito tempo na Umbanda com Caboclos, só com Caboclos mesmo, passes, pretos velhos, então as vezes a gente sente um chamado, um chamado diferente, um chamado que a gente nem entende, o porquê de estar acontecendo coisas com a gente, coisas diferentes, coisas que eu não entendia. Me levaram para médicos, fui várias vezes para prontos socorros e ninguém sabia, os médicos me perguntavam: “o quê que a senhora tem? Porque nem nós estamos descobrindo!” “A gente faz os seus exames e não dá em nada!”. Isso tudo era espiritual mesmo, a gente diz assim: “é o chamado, por Oyá minha mãe, depois disso eu fui, inclusive um amigo me levou para a casa do Pai Olegário. Lá eu joguei Búzios, jogou búzios para mim e nesse jogo ele disse que eu tinha que ser feita urgente, tinha que ir para o santo. Então, desde assim eu fui me preparar que nem levou três meses para me preparar porque a chamada era urgente realmente. Não tive dificuldade nenhuma para fazer o santo e fiz. Foi um pouco tumultuado para mim depois que entrou uma pessoa comigo, porque aquela pessoa queria ser do mesmo orixá que eu, e enfim, ela era de outro, ela era por exemplo de Oxum e eu de Iansã. Então foi complicado, mas depois que nós fomos realmente feitas no santo, foi feita realmente a iniciação. Sendo assim, tudo acalmou e eu me arrastei muito, não foi fácil porque de repente você é uma mãe de santo de Umbanda, nunca se arrastou no chão e, depois vai para a nação como eu fui, ter que me rastejar, tem que dar adobá pro Pai de Santo, tem que dar a adobá até em galinheiro, eu dei. “Por que em galinheiro, pai de santo?”. Porque ali quer dizer muita coisa, já começa



Fotografia: Mãe Dina de Oyá. Acervo Pessoal da Mãe Dina.



Fotografia: Oyá Gambele. Valmik Mota, 2019.



Fotografia: Oyá Gambele. Valmik Mota, 2019.

a humildade, a gente tem que dar adobá para as galinhas porque na hora das obrigações elas estão em toda parte, na hora das matanças, nos orôs. Então porque não dar adobá para as galinhas? Adobá é reverenciar, você se deita e reverencia, do jeito que reverencia o pai de santo, sai reverenciando a casa toda, a porta, os atabaques, no galinheiro que eu já fui, então é isso.



Fotografia: Oyá Gambele. Valmik Mota, 2019.

RITUAIS E CELEBRAÇÕES

Quase todas as datas que têm, os ritos tudinho, eu vou para Manaus, aqui eu não faço nada, o que eu faço é só em relação a catiço, só uma festa cigana. Eu posso fazer uma festa cigana aqui se eu quiser, posso fazer uma festa para o senhor Tranca Rua, se eu quiser, agora para orixá minha mãe Iansã, no caso já é lá em Manaus, aqui nada, porque as raízes

ainda não estão plantadas, quando tiver as raízes, quando tiver a casa aberta, completa, aí sim, eu vou fazer todos os ritos aqui. Catiço é o casal de exús, por exemplo o seu Tranca Rua e a Cigana, a Cigana do pandeiro que é a minha Cigana, Sol o nome dela e tenho uma Cabocla, Dona Brava que é uma curandeira, então isso é catiço.



Fotografia: Oyá Gambele. Valmik Mota, 2019.

OS DESAFIOS EM CONSTRUIR O TEMPLO

Eu tinha um barracão... eu tinha e não tinha vontade de abrir barracão, mas como no jogo sempre Oya pede, Oya pede casa aberta, então tudo bem, Oya quer, minha mãe quer, eu vou fazer o quê? Então eu estou correndo atrás, mas graças a Deus eu estou conseguindo e já fiz muitas amizades boas e influentes, e estamos na luta.

Então, eu tenho que continuar a minha espiritualidade, para onde eu vou, eu tenho que continuar, então graças a Deus eu conheci muitas pessoas aqui, inclusive o Bokulê que foi uma pessoa muito presente em todas as situações, qualquer coisa que eu preciso vou lá com ele, é uma pessoa muito presente na nossa vida espiritual e é uma pessoa que está ajudando, é uma pessoa que até abriu as portas para a gente aqui.

Agora em julho dia 30, mas se Oyá quiser, se Deus quiser, e os Orixás, eu já vou estar com a minha casa. Nós estamos correndo atrás, eu quero, eu estou correndo mesmo para que seja aqui os meus 14 anos, já com a abertura do Ilê e a casa aberta. Porque a maioria das pessoas que tem casas, muitas conseguem por doações, outras compram, então na minha situação eu tenho que realmente ir à prefeitura, porque como eu vou levar a documentação da minha associação, eu vou pedir em nome da minha associação.

OS FILHOS DA RELIGIÃO

Como eu digo para muitas pessoas, por exemplo você chegar comigo: “ah, eu quero ser tua filha de santo!”. Tudo bem, só que a partir do momento que você é minha filha de santo, você é só minha filha de Santo, a tua profissão, o que você é ou deixa de ser, fica do portão para fora, para depois não confundir as coisas, como tem hoje em dia filhos de Santo, dá muito trabalho para os pais de santo, tem gente que: “ah, eu sou advogado, eu não vou sentar a bunda no chão!”. “Ah, eu sou advogado, eu não vou me rastejar no chão!”. A humildade tem que entrar junto com você porque senão você

não vai se tornar nunca uma abiã, uma Yalorixá e essas coisas sucessivamente, uma filha de Santo.

Nós temos também duas moças, inclusive uma trabalha na EMUR que é a Geane e ela pretende ser a minha equede, equede de Yoá. Então, lógico que ela terá que fazer a feitura dela antes de qualquer coisa porque na nossa nação, não é porque você vai entrar no santo que você chega e já pode colocar a mão ali e acolá. Não, você só vai poder meter a mão quando você for iniciado, porque há muitas raízes, há muitos fundamentos e a gente tem que ter certeza se você vai prosseguir ou não na casa, porque chegar e pedir que quer ser, é uma coisa, e continuar e dar continuidade como eu falei, para você chegar a ser uma filha de santo mesmo, você tem que engatinhar desde o início, começa por abiã até yalorixá.

CONTINUANDO UMA NAÇÃO E OS DESAFIOS

Aqui a gente vai abrir, lógico que nós daremos continuidade a nação, a mesma nação de Manaus, porque eu vou contar sempre com os meus irmãos de santo de Manaus porque aqui eu ainda não vi ninguém da mesma nação que eu, que é do Gantois. Eu não sei se tem e se tem, eu ainda vou conhecê-los. Em Manaus tem mais aberturas, com certeza porque tem pessoas que passa o dia no Abassá fazendo os orós e aqui não, acho que por ser uma cidade pequena as pessoas trabalham, vivem mais para o trabalho, e aqui do jeito que é, aqui em Roraima. Muitos problemas e está havendo tudo isso, principalmente o pagamento das pessoas que está em atraso, então

tem muita gente revoltada. Eu acho que muitas pessoas até esquecem um pouco da religião nessas horas e eu acho que não é nem por aí, a gente deveria era buscar Deus, porque hoje em dia as pessoas não estão mais buscando Deus, as pessoas estão fazendo do jeito que quer: julgando umas às outras, matando, passando por cima, uns querem ser melhor que os outros, e aqui não é totalmente diferente de Manaus porque existe pais de santo que quer ser melhor que o outro, existe uns querendo ser melhor que o outro e eu acho que em todo lugar está assim, está faltando mesmo é humanidade e humildade e mais amor.

CONVÍVIO COM OS VIZINHOS

Como trabalho a cada 15 dias, trabalho uma segunda feira sim e outra não, a segunda feira que eu trabalho vêm muitas pessoas se consultar com o casal de catiço. Então eu acho que os vizinhos aqui não escutam nada, primeiro que eu tenho um casal de exú doutrinado, é um casal totalmente doutrinado, tanto o exú, quanto a cigana, não existe esse negócio de gargalhadas, não existe esse negócio de palavrões, acho isso ridículo, porque quem tem que dominar realmente a entidade somos nós, ainda mais quando a gente se torna maior de idade, a doutrinação deles vai depender da gente. Então aqui não existe gargalhadas altas, aqui não existe palavrões, porque graças a Deus eu sempre fui bem doutrinado, começando lá na Umbanda até onde eu estou hoje na nação. Então nunca tive problemas com vizinhos.



Fotografia: Mãe Dina de Oyá. Valmik Mota, 2019.

RESISTÊNCIA E CAMINHOS

As pessoas que vêm até mim, quando vêm passando mal, quando vêm com algum problema sério, eu só tenho uma palavra a dizer: “os meus trabalhos dependem da sua fé!”. Então a pessoa chegando com fé, com o coração puro, com a mente que quer realmente conseguir ficar bem...

E lutar contra os preconceitos porque estamos rodeados deles aonde vamos. Se eu sair assim na rua o trânsito para, quando não é só xingamento. Estamos até acostumados com esses tipos de preconceitos porque é em todas as religiões que há preconceito, mas eu acho que o culpado disso tudo é

a própria política em si, os homens mesmo de gola branca. Hoje em dia, pelo menos quando eu tiver o meu Abassá, com certeza vai ser um Abassá fechado, com o muro mais alto que eu puder, porque hoje em dia você não pode mais trabalhar espiritualmente com as portas abertas, é arriscado você estar trabalhando e entrar um indivíduo, dois, três e te dar um tiro, assim como acontece no Rio de Janeiro e São Paulo. Tem muitas pessoas que até estão largando a religião por medo, não é preconceito, é medo, porque hoje em dia vocês estão vendo como é que está o nosso país, de pernas para o ar, ninguém respeita mais religião.



Fotografia: Etevaldo e Mãe Dina de Oyá. Valmik Mota, 2019.



CAPÍTULO 9

Templo de Umbanda Ogum Yara

Vejo a minha casa como templo de Umbanda, não vejo como terreiro, é tanto que aqui é Templo de Umbanda a Ogum.

Iniciei na Umbanda no Amazonas, em terreiro de Umbanda de Pai Flecheiro da Paz, tinha onze anos de idade, quando fiz meu batizado tinha treze anos e fui mãe de santo muito cedo pelo desenvolvimento que eu já tinha. Fui mãe de santo aos vinte e três anos, mas quando a gente chega a esse nível dentro do terreiro, temos que escolher, ou a gente abre uma casa ou a gente monta um congazinho para trabalhar, para cuidar das pessoas que nos procura com reza, com benzimento e com os banhos, fazendo as nossas curas. Assim, eu não tinha planos de abrir esse templo, a minha vontade era de fazer um quartinho igual ao que tinha no Amazonas.

Cheguei em Boa Vista no ano de 1994 e não tinha plano de abrir casa, mas para conhecer e quando cheguei aqui eu gostei. Tinha uma mesinha, um cantinho, um quartinho onde eu fiz a minha mesinha, botei as minhas imagens e fui trabalhando, até o momento eu não tinha assim aquela vontade de trabalhar em desenvolvimento médium com os jovens, e depois de 13 anos dentro de Boa Vista foi que eu resolvi abrir essa casa.



Fotografia: Mãe Nelcy (Nelcy Leon Ladislau). Tiago Reis, 2019.

Em Boa Vista conheci o terreiro da Dona Alcilene que é minha mãe de santo hoje, é falecida, mas ainda tenho ela, pois não foi tirado ainda a mão dela da minha cabeça. Fui para o terreiro dela e gostei, eu fiquei lá 14 anos. Foi quando ela faleceu que eu resolvi abrir minha casa, antes eu tinha minha casinha, mas frequentava o terreiro da minha mãe de santo porque quando vim do Amazonas para cá, eu já fui para o terreiro dela, e ela faleceu faz 3 anos, vai fazer 4 anos que é o mesmo tempo que a minha casa está aberta. Mas, nem todos quando a gente confia em uma mãe de santo vai confiar em outra, a gente não confia em duas pessoas, a gente tem confiança naquela mãe de santo que está nos cuidando, está nos ensinando, está passando a mão na cabeça, a gente que é umbandista é uma coisa que a gente tem isso. A gente não dá a cabeça para qualquer pai de santo, a gente tem um e confia naquele a não ser depois que eles passam desse mundo para outro, só assim a gente tem que procurar.

No meu caso eu nunca procurei, depois que ela faleceu eu nunca procurei, abri essa casa toda aqui, mas eu nunca procurei, então mesmo ela lá do outro lado, continua sendo minha mãe de santo porque eu ainda não tive essa coragem. Eu nasci dentro da umbanda porque desde pequeninha minha avó já era. Minha avó era curandeira no Amazonas, ela não tinha casa aberta, minha avó era curandeira de fazer partos em casa, ela rezava muito em criança, ela fazia garrafada. Então já venho trazendo comigo isso e eu fui a única das filhas da minha mãe que é dirigente de umbanda e tem casa aberta em terreiro, só eu mesmo.

Minha casa hoje tem quatro anos fundada, antes eu trabalhava lá no quartinho que eu fiz para que eu pudesse fazer as minhas rezas, as minhas curas, e depois eu resolvi abrir esse terreiro grande e trabalhar. Levantamos este terreiro em três meses e deixamos do jeito que está agora. A inauguração desse templo foi na festa do meu caboclo, foi muito rápido, em três meses levantamos para fazer a inauguração na festa de caboclo e ai deu tudo certo.

Não foi fácil, acho que para nós que somos da religião afro-brasileira sofremos um pouco porque a nossa religião diante da sociedade não é muito aceita. A gente sofre muito preconceito para abrir um terreiro, um templo, não é fácil, você sempre encontra muitas dificuldades, pouca aceitação, foi um pouco difícil, mas graças a Deus eu consegui fazer esse templo, foi meu Orixá que me deu. Abaixo de Deus eles também nos dão caminho, nos dão luz, porque Orixá nas nossas vidas é caminho e luz, é nosso coração, nosso pulmão.

ORGANIZAÇÃO E HIERARQUIA

Uma casa de Umbanda tem seus ensinamentos, tem seus fundamentos, e o fundamento da casa só quem faz somos nós dirigentes, o médium iniciante não é capacitado ainda até porque ele não aprendeu tudo, ele está em ensinamento e tem tempo ainda dentro da Umbanda, dependendo da obrigação que ele vai fazendo, nós zeladores olhamos a evolução do médium. Sempre digo que nem o sacerdote, nem a mãe de santo ou pai de santo têm o poder de colocar um espírito, para



Fotografia: Templo de Umbanda Ogum Yara. Yolanda Simone S. Mêne.

isso existe o desenvolvimento, a corrente médium única ali é o espírito que descobre, que vê se o médium está preparado, capacitado, assim, ele sabe a hora.

Os fundamentos da casa sempre somos nós os dirigentes que fazemos, aqui médium nenhum dentro da casa, porque o único cargo que da Umbanda somos nós dirigentes, a cambone que na hora que o caboclo chega é ela que vai vestir, vai trazer as espadas, estará servindo e auxiliando. A mãe pequena é minha filha carnal, ela começou com nove anos e hoje tem vinte anos, se eu tiver um compromisso fora, ela pode abrir a gira, fazer parte do comando da casa, a mãe pequena é a segunda depois da mãe de santo. Então são: a mãe de santo, a cambone, os abatezeiros, e sempre são dez cambones que ficam aqui porque um não dá conta não.

Em todos os dias de festa é uma correria, nas casas é assim, sempre os mais velhos ensinam os mais novos, que estão chegando agora e não sabe, os filhos mais velhos sabem então ficam ensinando os mais novos, e assim cada um tem sua função. O abatezeiro é que faz os banhos, o banho de carreiro e de limpeza, que é o banho de coroa, e eles fazem defumação. Os médiuns limpam o terreiro, limpa tudo, casa da Cigana e do Exu, aqui é só essa função aqui dentro mesmo dele.

A preparação dos ornamentos é a minha filha, ela não é da religião, mas em dia de festa é a mão dela que organiza, é ela que faz os ornamentos todos de festa, ela que faz a comida, decora tudo em relação a prato, talheres, colheres, é tudo com ela. Minha filha sempre separa um dinheiro, vai guardando porque já sabe o dia de festa. Então sempre na festa a ajuda maior é a dela. É que nem ela fala: “sou médium, mas não quero estar lá dentro”.



Fotografia: Mãe Pequena. Yolanda Simone S. Mêne.

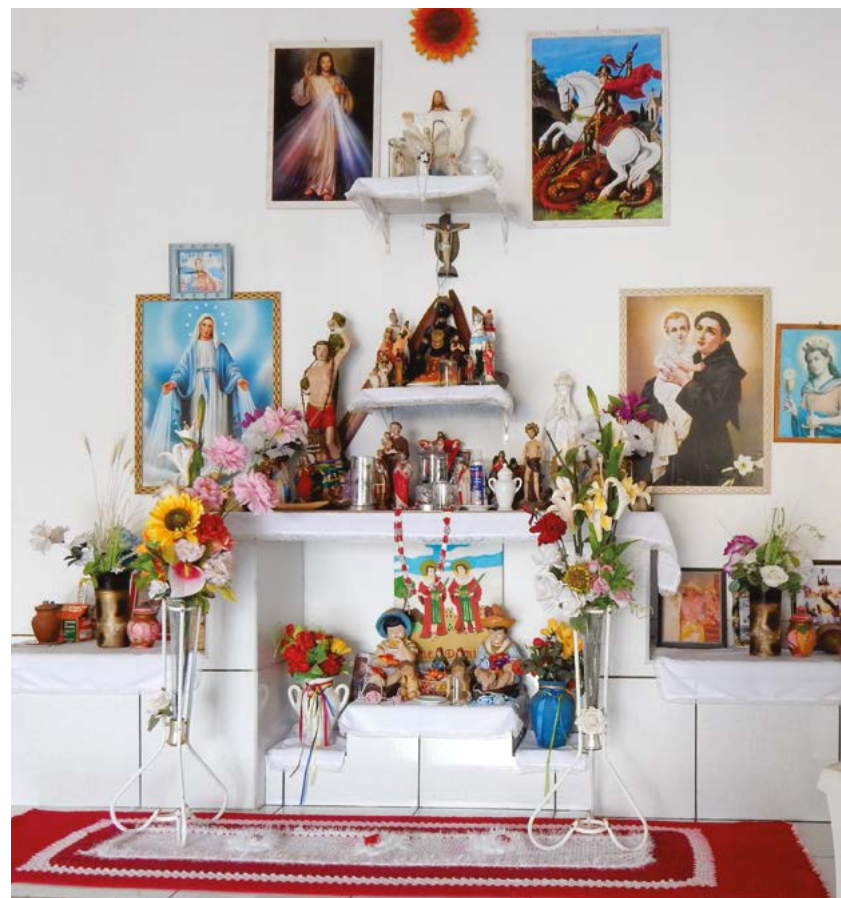


Fotografia:Templo de Umbanda Ogum Yara. Yolanda Simone S. Mêne.

INICIAÇÃO

Na umbanda não raspa, não faz sacrifícios de animais, a gente trabalha mais é com ervas, com folhas, com frutas e não recolhe filho. Na Umbanda não tem Roncó, tem Camarinha, a gente faz o Amací no filho, e dependendo da situação do médium deixamos ele na Camarinha por cinco ou sete dias dependendo da situação que ele está. Isto é uma obrigação que ele deu e ele está resguardando e a gente está vendo a situação. Então, a gente leva ele para dentro da Camarinha e dependendo da necessidade espiritual dele e do resultado sobre o Amací que foi dado na cabeça do médium, é neste tempo que o espírito saberá se o médium estará preparado ou não.

Os abatezeiros aprendem as rezas, a tomar conta, cada um tem o seu dono, cada tambor tem seu abatezeiro. Então eles aprendem as rezas, quando é dia de rezar eles rezam, quando é dia de obrigação eles se deitam junto com o tambor da obrigação, com frutas e folhas quando são buscadas nas matas.



Fotografia: Templo de Umbanda Ogum Yara. Tiago Reis, 2019.

RITOS E CELEBRAÇÕES

A grande festa que fazemos é de Ogum, dia 23 de abril é a de São Jorge, uma das festas grandes do meu orixá que é o dono da casa. Temos também a festa do guia da casa que é seu Zé Raimundo, dia 10 de fevereiro. Outra festa grande também é do caboclo da casa que é o chefe da casa e da minha pomba gira que é Dona Sete. Eu mudei, fazia a festa dia 7 de agosto, agora faço no mês de outubro por causa da chuva no inverno. Essas três festas grandes aqui é a de São Jorge, Seu Zé Raimundo e Dona Sete Encruzilhadas.

Sempre variamos na comida, como o encantado que eu trabalho, ele é das águas, sempre as meninas fazem peixe a delícia, as vezes um bobó de camarão, é o lado dele, é a farofa, o arroz, faz três misturas, três tipos de arroz e vatapá. Já Dona Sete não, é o arroz, o vatapá, às vezes elas fazem galinhada, às vezes fazem também mesa de fruta que ela gosta e salpicão, e elas variam. São cardápios bons. Agora só a diferença é a festa de Ogum, porque São Jorge guerreiro é feijoada, na festa de Ogum é feijoada, farofa, laranjas fatiadas, elas inventam tudo e fica uma mesa linda.



Fotografia: Templo de Umbanda Ogum Yara. Acervo pessoal Mãe Nelcy.

DIFICULDADES, CONVÍVIO E RESISTÊNCIAS

Cada celebração tem seu gasto, a gente que é dirigente sabe como é, gastamos com comida, decoração, aluguel de jogo de mesa com cadeira. A festa mais cara é da Dona Sete Encruzilhadas, porque a roupa dela já é cara, pomba gira gosta de se vestir bem. Eu, meu esposo, minhas filhas trabalhamos, então a gente vai juntando o que a gente ganha para fazer a manutenção, pagando luz, água e tem médium que a gente ajuda também, que é necessitado. Porque eu iria pensar em mim, no meu conforto. Eu não penso por esse lado, eu penso pelos dois lados, eu penso em mim e penso nos meus filhos de santo que estão necessitando.

O preconceito com a religião é outra dificuldade, minha filha quando foi para o colégio militar no passado, ela conversando com as amiguinhas, uma disse: “tua mãe é macumbeira”. Minha filha respondeu: “não! A minha mãe não é macumbeira, minha mãe é dirigente de Umbanda, somos Umbandistas, não somos macumbeiros!”. Minha filha completou: “não discuto religião, você vá no seu celular ou então pesquise na internet o que é Umbanda!”. Não precisei intervir na escola, até mesmo porque a escola é muito fechada para nós, se a gente for, logo em traje desses que usamos, a porta é fechada na hora.

Tivemos também problemas com uma Igreja Evangélica bem aqui na esquina, eles alugaram um ponto e estava fazendo os cultos. O problema foi com o Pastor, dele insultar os meus filhos, chamar de demônio, “está repreendido em nome de Jesus”. Fui falar com ele, sei que peguei um pouco pesado



Fotografia: Templo de Umbanda Ogum Yara. Yolanda Simone S. Mêne.

porque eu disse que ele não era Deus para estar julgando, que ele dissesse na Bíblia onde está escrito que a nossa religião era demoníaca e a dele era a certa, aonde crente tem perfeição divina, que vai para o céu. Criou discussão e foi parar na delegacia, fiz um boletim de ocorrência e com o tempo ele saiu daqui. Só ele mesmo, agora com vizinhança nunca tivemos problemas, só com esse pastor.

Nunca tive problema com vizinhança nenhuma, tem vizinho que nas festas vem assistir, eles comem a comida aqui, tudinho. Uma vez alugaram um templo em frente de casa e o pastor veio com as irmãs “gostaria de falar com a senhora!”. Eu disse: “pois não!”. O pastor disse: “gostaria de falar de

Jesus”. Eu disse: “pode falar!”. Ele disse: “é porque a senhora sabe que Jesus lhe ama”. Respondi que não só eu, ele ama a todos, todos. Ele não fez diferença de ninguém, nem preto, nem branco, nem índio, ele amou a todos. Ele disse: “não, mas é porque a senhora tem que aceitar Jesus”. Respondi, eu aceitei, já aceitei desde quando eu nasci. Então é uma discussão assim que não tem fundamento, você, nós umbandistas ou candomblecista, seja o que for discutir com uma pessoa evangélica não entra na mente dele. (...) Umbandista lê a Bíblia, a gente não tem preconceito, a gente não tem nada, tudo que fala de Jesus, de Deus para nós é gratificante, eles que são ignorantes de nos chamar de macumbeiros A Umbanda não é macumba. Quem disse que Umbanda é macumba? Umbanda é religião, macumba é um instrumento que eles nem conhecem. Então quando eles nos chamam de macumbeiro pelo menos é um elogio. Um instrumento que toca tão bonito que nem eles conhecem, são pessoas ignorantes, leigos que eu não sei o que faz lendo uma Bíblia se não entende o que ela fala, pois ela fala tanto de amor e eles não têm, eles falam tanto de humildade e eles não têm. Porque se realmente, se todos tivessem amor o mundo não vivia essa desgraça toda que está acontecendo. Tudo isso é falta de amor ao próximo, se eles dessem o primeiro passo em ensinar os fiéis o que é o amor ao próximo, não existia isso. Então eles vêm nos criticar por tocar nosso tambor e incorporar uma entidade, aí é demônio. Se você se sentar com uma entidade, ela vai falar uma coisa que você nunca ouviu, eu nunca vi um ser humano vir e entrar num portão desses, falar com uma entidade e sair daqui com peso nas costas. Eles dizem: “gente eu gostei”; “aí eu falei

com aquela entidade ali, vou voltar de novo, que eu gostei”. Então é isso, a diferença é essa, você entra no terreiro, fala com uma entidade, você sai uma outra pessoa. Por que ali eles não vão criticar, vão lhe aconselhar, eles vão dizer para você é isso, é desse jeito, vão falar de amor, de caridade, eles vão falar de coisas bonitas,

Na Umbanda a gente aprende a conhecer o verdadeiro amor, porque você tem que aprender, esse é um dos ensinamentos da Umbanda, é o primeiro ensinamento, “amar o teu próximo como a ti mesmo”. Na Umbanda você aprende a ser caridoso, a ser humilde, a ser um bom filho, se você chegar todo torto aqui você vai ter que trabalhar a sua espiritualidade para se tornar uma pessoa de bom caráter, se tornar uma pessoa melhor, tudo isso.

Em nossa casa trabalhamos não só para desenvolver o médium na sua espiritualidade, mas na sua vida também, porque a umbanda é uma religião de evolução, a gente trabalha para evoluir o médium tanto dentro do espiritual como na vida carnal porque o ser humano sempre tem que evoluir para ser uma pessoa melhor. Então o médium quando vem para nossa religião, ele vem buscando mudança. É nessa mudança que nós dirigentes de umbanda trabalhamos.

Eu acredito naquilo que aprendi e acredito que as pessoas possam fazer a mesma coisa, a pior coisa que tem é julgar os outros, a gente não julga, a gente respeita, é isso que falta. Se toda religião fosse assim o mundo seria melhor.

GRITO DE PAZ E ESPERANÇA

Gostaria que cada um olhasse para nós umbandistas como seres humanos e acabasse esse lado pejorativo, preconceituoso, e que cada um amasse porque isso é tanta falta de amor próprio quanto falta de amor ao próximo. Olhassem os dois lados porque sofremos com esse lado da sociedade que nos olha como se fôssemos um bicho, que não pode conversar. Seria bom se nós (Mães de Santo) pudéssemos andar na rua com nossos fios de conta, botar um fio de conta desses e ninguém gritar: “olha a macumbeira”; “olha isso, aquilo”. Isso nos deixa ..., (...) eu não me sinto envergonhada, mas nem é tristeza, sei nem definir o sentimento, mas não é uma coisa boa e gostaria que acabasse tudo isso. Eu sei que não é difícil, acho que isso é falta de respeito, uma boa educação dentro de casa, porque eu crio meus filhos hoje assim: “não olhe, não escute, não fale o que não seja para fazer bem para o seu amigo, para sua amiga, se for para você entristecer um ser humano então não abra a sua boca, nem abra seu olho e nem seu ouvido para nada. Seja cego, surdo e mudo que você vai caminhar bem”. O que eu acredito é que a podridão no ser humano é quando ele consegue quebrar um coração. Fere um coração, entendeu.

Eu sempre digo assim: “eu quero que as minhas filhas façam uma boa faculdade para não passarem pelo que eu passei, porque para chegar onde eu cheguei, eu passei por muita coisa. E hoje não, hoje eu estou mais tranquila, mas eu já briguei muito. Eu briguei muito para chegar até aqui, briguei para as pessoas entenderem que era isso, o que era aquilo,

que era diferente, que o que eles pensavam que falavam estava errado, mas as pessoas acreditarem naquilo que elas não querem é difícil. Isso é difícil, eu já passei por isso, então eu evito, aqui em Boa Vista mesmo, duas vezes foi no lotação e outra vez foi lá no centro da cidade, fui saindo da conferência para pegar lotação e ninguém entrou, disse ao motorista: “me leva direto que eu pago a passagem”. Porque eu sei que ninguém entra, no Rio de Janeiro me sinto tranquila, na Bahia também, aqui em Boa Vista ainda está desse jeito.



Fotografia: Mãe Nelcy. Tiago Reis, 2019.



Fotografia: Templo de Umbanda Ogum Yara. Yolanda Simone S. Mêne.

CAPÍTULO 10

Terreiro de São Jorge



Fotografia: Mãe Fátima, Maria de Fátima Pereira Aragão. Valmik Mota, 2019.

Me chamo Mãe Fátima e dirijo a casa de São Jorge, com minhas meninas que são poucas, não são muitas, são mais ou menos umas oito. (...) Eu sou do Piauí, Teresina, vou fazer 24 anos de Roraima. (...) Quando eu cheguei aqui o primeiro terreiro que eu fui, foi da Maria Luína, aí segundo, eu conheci Totó, pai Totó e sempre visitava por lá, mais essas duas casas e a Graça que fica ali perto do posto. Sempre ia lá também. Aí tinha lá só uma mesinha, eu consultava na mesa, até quando eu levantei a minha casa. Antes fui trabalhar de empregada,

nunca tinha trabalhado quando cheguei aqui, e quando a gente veio para cá, eu vim de Itaituba, em Itaituba eu morei 17 anos, deixei o salão lá, depois resolvi vender e aí vim para cá. (...) O marido se aposentou, a nossa vida era eu e o marido, mas isso quem puxava mais era o marido, aí ele foi chegando um tempo, foi quando ele me entregou. (...) Agora minha luta vem desde os meus 12 anos, mas eu nunca quis exercer essa lei do espiritismo. Através dele quando eu me casei, ele já trabalhava, e teve uma época que não deu mais dele tocar o salão porque a minha luta mais era na mesa, consultar na mesa, jogar búzios, baralho, era assim só na mesa mesmo. Sem o tambor, o tambor já pertence a ele. (...) Depois dos meus 12 anos, primeira vez que eu caí, me suspenderam, o suspenso foi para 17 anos, quando fiz 17 anos que eu caí, não teve mais jeito, foi jeito eu entrar.

Eu trabalho com a família de Légua e tem Dona Mariana, baixo caboclo e tem os Preto Velho, o que eu tenho na Umbanda, ela tem um... uma coisa assim, quando a gente faz o trabalho sempre, a gente luta com reis e rainhas, príncipes e princesas, são os nossos Orixás, os nossos principais que é o rei e dona rainha, esse povo eles veem de ano a ano ou de seis em seis meses. Vem só os puxa foro deles, que eles mandam, eles deixam um para governar o salão, deixam outro já para rezar no povo, para fazer banho, e assim leva a vida.



Fotografia: Terreiro de São Jorge. Valmik Mota, 2019.

Eu comecei, mas foi uma luta, uma batalha para chegar ao eixo, eu adoeci e fui despachada por médium. Disse que eu ia morrer, não foi nem meu marido, meu marido disse que não ia envolver para não dizer que era ele que estava. Foi chamando o senhor, assim ele disse que a partir dali eu tinha que exercer a minha luta que o jeito mesmo era eu trabalhar. Quando eu melhorei não tem outro jeito, vou começar devagar e aí daí fui começando.

Eu ganhei esse terreno, realmente eu não comprei, eu ganhei ele, fiz o meu barraco logo. Trabalhei 5 anos de empregada para poder construir. Disse que enquanto não levantasse, eu não exerceria o cargo e aí se foi, a gente foi indo devagar até que conseguiu, daí eu ia a minha filha trabalhando, meu marido estava na luta de se aposentar, quando ele se aposentou a gente já tinha levantado.



Fotografia: Terreiro de São Jorge. Valmik Mota, 2019.



Fotografia: Terreiro de São Jorge. Valmik Mota, 2019.



Fotografia: Terreiro de São Jorge. Valmik Mota, 2019.

ORGANIZAÇÃO E RITUAIS

Quando tem um trabalho que é pesado eu convido as meninas, e quando é coisa que eu possa resolver eu resolvo só com um genro que eu tenho. Chamo ele para me ajudar quando é pretensão de homem, para dar um banho, chamo ele para dar, e chamo também essa daqui e a outra ali, elas vêm me ajudar.

O dia a dia é consulta, às vezes vêm um pessoal para gente consultar e querem saber de alguma coisa, aí sento na mesa junto com eles, agora como a gente está na quaresma, a quaresma está só para rezar, não funciona trabalho nenhum, só de sábado aleluia em diante a gente reabre para toque,

tambor para meia noite, mas o tambor mesmo só é no sábado pascolino. Todo mundo está com sede, aí vai dançar, durante os 40 dias a gente fica só no jejum. (...) A gente começa, a gente reza o terço aí depois abre a mesa na doutrina e a gente vai fazer o silêncio depois e esperar o que que vem fazer a chamada dos Orixás e ver se ele vem atender, depois converso o que tiver que conversar ou dar o recado que tiver que dar, se tiver alguém para pegar um passe eles têm a licença de sair dali pra ir dar o passe, e depois de tudo vamos doutrinar para fechar, doutrinação.



Fotografia: Terreiro de São Jorge. Valmik Mota, 2019.

O médium a gente tem que desenvolver quando está começando, afinal quando ele começa já tontear, quando ele desce o primeiro guia, assim você já vai levando e chega na limpeza da corrente, vamos limpar a corrente dele, depois da corrente já leva para as obrigações, as penitências, após da penitência mais ou menos passa um ano às vezes tem quem levar até 3 anos ou mais, porque antes o médium para se preparar chegava até os 7 anos, mas hoje ninguém espera, hoje ninguém espera, está todo mundo com pressa.

As penitências são para colocar para rezar, para treinar, aprender o pai nosso e saber quais são as cores das velas que eles vão acender para os seus Orixás.

As festas principais eu não bato todo em quinze e quinze dias ou de mês, a festa principal é 8 de dezembro, Nossa Senhora da Conceição. 27 de setembro que é Cosme Damiano, dia 13 de maio Preto Velho e 20 de janeiro é São Sebastião.

No dia das festas não fazemos que nem os Ketu, mas nós também ofertamos a comida deles. (...) Faz o prato pra Oxalá, oferta fruta para eles e agora comida para o povo é oferenda que ele, é do santo, e só Preto Velho. Preto Velho a gente faz mingau de milho, coisa de milho, tudo coisa dos preto, a gente faz o bolo também, dá vinho, só não dá cachaça, cerveja nós também não damos e assim se vai.



Fotografia: Terreiro de São Jorge. Valmik Mota, 2019.



Fotografia: Terreiro de São Jorge. Valmik Mota, 2019.

Quando é Cosme Damiano eu tenho o costume de dar brinquedo para os meninos e dá bastante balinha, faz o bolo para eles, tem o refrigerante para as crianças, e assim se vai. Quando é 20 de janeiro nós vamos para a mata e leva todo tipo de fruta, para oferecer. (...) E aqui dá muita criança, as outras nem tanto, mas quando diz Cosme Damiano, aqui en-

che oh! Às vezes eu digo: “menina compra tantos brinquedos porque esse ano parece que não vai dar tanto menino”. Aqui a maioria está entrando na crença, o pai não deixa. Ah mulher! Mas não tem disso não, vem até os irmãos da igreja, os menininhos, mas enche, acho que por causa dos brinquedos que eles gostam, não é?

DIFICULDADES

No começo a casa tinha acho que 9 anos, um dia a gente está aqui em toque e o pessoal me disseram que tinha polícia ali na frente, a gente foi lá, fiquem todo mundo aí eu vou lá, eu fui, cheguei lá, procurei por eles, a polícia disse que não, que eles tinham vindo porque alguém tinha ligado e a zoadá estava incomodando e pediu para eu baixar, mais achei estranho porque tem 9 anos que eu toco tambor e ninguém nunca reclamou e hoje vai chegar assim. Disse: “você poderiam me dizer quem ligou?”. Eles disseram que não, não pode indicar quem foi que ligou, mas tudo bem, disseram: “são nove anos que a senhora, é nove anos, a então deixa eles dormirem com a zuada”. Depois disso nunca mais tivemos problemas.

Neste caso era um vizinho que alugou essa casa bem do canto aqui, e no outro dia ele não gostou, sei que no outro dia alugou a casa e foi embora. Não gostou da zuada, mas eu nunca tive uma dessas com os meus vizinhos, eu faço e chamo eles, mas o máximo é 00:30 é festa vai até 1:00 porque até eu gosto de respeitar o direito das pessoas que a zuada às vezes incomoda então a partir de 1:00 hora já vai todo mundo dormir sossegado, porque pela lei mesmo ela é até 00:00 horas mas quando é festa grande, aí chega às vezes até 1:00 hora mas aí eu comunico, mas até agora graças a Deus nunca tive problema com vizinho, desacato, nunca tive, pessoas que entrassem assim pra dizer alguma coisa.

Aqui é assim porque a gente precisa muito ter uma força. (...) É porque no caso se aparecer alguma coisa na casa da gente porque hoje a gente tem que rezar muito para não

acontecer negócio de facção. Essas coisas eu tenho muito medo e saber que você recebe na sua casa e a gente quase não tem segurança sobre a associação que no momento, às vezes quando a gente vai bater, a gente liga “Bokulê eu vou bater” “tá bom, pode bater, qualquer coisa liga”. É assim que funciona, a gente precisava mais é ter uma segurança, é dificuldade para nós isso.



Fotografia: Terreiro de São Jorge. Valmik Mota, 2019.



Fotografia: Terreiro de São Jorge. Valmik Mota, 2019.

CAPÍTULO 11

Terreiro Ogum de Ronda



Fotografia: Antonia Maria da Conceição Lima – Antonia Cuiabana, Mãe Cuiabana. Sindoyasy, filha da Oxum – Senhora Mãe das Águas. Valmik Mota, 2019.

Quem tem que ir sou eu porque eu que sou da missão, e cada um siga.

Foi no mês de dezembro a inauguração. Foi no dia 08 de dezembro 1994. Sou espírita, desde quando nasci já vim da minha mãe. Coisa trazida do além, não é coisa daqui da terra. Sou espírita. Quem me fez no santo foi o José Aldenir, um grande pai de santo de Marabá (no Pará). Ele já morreu. Ele era filho de Xangô. Meu nome é Conceição, filha da Oxum. Minha casa é umbanda sim, mas Mina Nagô. Eu tenho 34 anos de casa aberta, graças a Deus minha casa nunca teve nenhum vexame. Sempre é tranquilo. Já teve muito médium, muito mesmo, mas agora não posso estar dando conta de pessoas que não se interessam, porque tudo tem que ter interesse. Já estava escrito no meu lado espiritual que eu tinha que cumprir essa missão aqui, meus orixás que abriram os caminhos pra mim vir pra cá e eu vim.



Fotografia: Terreiro Ogum de Ronda, Valmik Mota, 2019.



Fotografia: Terreiro Ogum de Ronda, Valmik Mota, 2019.

A INICIAÇÃO

Sou maranhense, mas eu não desenvolvi no Maranhão, desenvolvi no Goiás e no Pará. No Goiás e no Pará foi meu desenvolvimento. Aí recebi o deká no Pará, em Itaituba. De lá vim me embora pra cá. Eu vim embora tá com vinte e cinco anos. Tinha casa lá em Itaituba, eu tenho desde da minha mãe, minha mãe era espírita e desde dela lá, nós temos um passado muito decente, tem uma história. A história da minha mãe e aí começou a minha. Ela já morreu. Eu fiquei. Eu não tenho irmão. Só a mãe. Não tenho pai. E toda vida que eu me

entendi, dos meus treze anos de idade já era lutando sem entender, só ela mesmo, ela também não entendia assim que era um sofrimento espiritual. Aí depois a gente passou a entender, a desenvolver. A gente nunca para de desenvolver, direto a gente está desenvolvendo, cada dia parece uma coisa, uma novidade pra nós porque o espiritismo ele é infinito. Quanto mais você puxa, mais vem coisa. Então eu já estou da idade que já estou parando por aqui mesmo, mas se vier alguma coisa que eu tiver que aprender, seja bem-vindo.



Fotografia: Terreiro Ogum de Ronda, Valmik Mota, 2019.

RITUAIS E CELEBRAÇÕES

Eu toco no dia de Nossa Senhora da Conceição, que é o dia da Oxum, toco no dia do meu pai Xangô, dia de São João, mais São Sebastião que é Oxóssi. Dou comida pros cachorros que é de São Lázaro. São assim as festas, dia de Janáina, quinze de agosto. Faço essas festas, agora como diz, “uma andorinha só não faz verão”. Mas eu não estou só não. Graças a Deus tem muita gente que me arrudeia.

Tem a sessão só de cântico, dia de preto velho que não tem tambor, é só rezar pros preto velho, as entidades de muita força e de muita luz, que são as entidades da umbanda. E aí tem a sessão dia de segunda feira.

Eu só toco em festa. Agora vou tocar sábado de aleluia. É um dia de festa, eu vou tocar. Aí se eu convidar, vem muita gente, mas também se eu não convidar, só o pessoalzinho da casa. Mas vem muita gente, o portão é aberto aí pra quem quiser entrar, desde que Deus traga na boa paz. Aqui a mãe pequena é eu, a mãe grande é eu, a zeladora é eu, tem essa aqui que é mãe criadeira (Maria Altina, filha da casa, filha de Iemanjá), ela é Iabassê, é cozinheira do santo, ela que tem esse cargo, os outros nenhum quer, quando chega para ter um cargo já vai abrir uma mesa lá longe, antes de receber as ordens de ter uma tenda, já vai embora com a tenda, já carrega o rei na barriga. É ela que tem cargo.



Fotografia: Terreiro Ogum de Ronda, Valmik Mota, 2019.

DIFICULDADES

As ervas não são difíceis, tem no quintal né, bem ali eu sempre tenho as folhas d'eu fazer. Eu trabalho mais com banho, banho de ervas, não ando comprando banho em cabana não. Eu faço minhas ervas, tiro as folhinhas, vou no su-

permercado e compro, que agora está ficando escasso. Agora assim, negócio dos animais tem dificuldade, porque pra gente trazer um bicho de quatro pé tem que atravessar as barreiras, é difícil.



Fotografia: Terreiro Ogum de Ronda. Valmik Mota, 2019.



Fotografia: Terreiro Ogum de Ronda. Valmik Mota, 2019.

AS NOVAS GERAÇÕES

Dentro do meu lado, que eu entendo - lado espiritual-, muita gente bota criancinha, arruma e bota, mas no meu desenvolvimento meu pai não aceitava. E criança vê muito. Criança vê muitas coisas, aí de momento ele vê uma entidade - que as crianças veem - ele vê a entidade que não agradou ele, ele vai passar problema, ou que a entidade se engraçou da criança. E criança não tem potência para resistir uma entidade, e é por isso que aqui eu não aceito. Tem, traz sim porque traz, mas não é bem-vindo criança em sessão espiritual, já foi desenvolvido assim. Festa de Cosme e Damião, aí é só criança, aí depois serve as crianças e tudo vão embora, aí nós vamos tocar nosso tambor. Eu vou nas casas, aí eu vejo bonito aquelas criancinhas arrumadinhas e tudo dentro do ritual, é neto, é bisneto, é filho, mas o meu pai de santo foi desenvolvido assim. Ele não aceitava criança dentro do ritual.

CAMINHOS E RESISTÊNCIAS

Já teve muito médium, muito mesmo, mas agora já estou ficando velha, não posso tá dando conta de pessoas que não se interessam porque tudo tem que ter interesse. O terreiro precisa do povo de santo todo dia. Não é obrigado só um



Fotografia: Terreiro Ogum de Ronda. Valmik Mota, 2019.

e nem dois não, que nós estamos precisando é do apoio da associação, porque vocês tudo bem, vocês tão fazendo o trabalho de vocês, é claro que todo mundo tem que se interessar por aquilo que a gente quer, o que a gente pretende fazer.



Fotografia: Terreiro Ogum de Ronda. Valmik Mota, 2019.

EQUIPE

AMARILDO FERREIRA JÚNIOR

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR). Coordenador do Grupo de Pesquisa em Etnopolítica, Pensamento Administrativo e História do Estado e das Instituições – Epahei. Mestre em Planejamento do Desenvolvimento (2015) e doutor em Desenvolvimento Socioambiental (2019) pela Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (UFPA/NAEA). Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). Tem pesquisas sobre vida associativa, campos de produção da cultura e suas arenas públicas, e festas e rituais (com ênfase em corporeidade e performances).

EVERTON DA COSTA PIMENTEL

Discente do curso de Antropologia na Universidade Federal de Roraima. Pesquisador do grupo de pesquisa História e Memória: produção do inventário participativo das comunidades de religiosidade de matriz africana e afro-brasileira mapeados pelo IPHAN/RR, em Boa Vista/RR e do grupo de pesquisa Etnografias Contemporâneas: memória, identidade e urbanidades (UFRR/CNPq). Estagiário da Divisão Técnica, na área do patrimônio imaterial, do IPHAN, Superintendência de Roraima.

JÉSSICA CARVALHO GUIMARÃES

Discente do curso de Licenciatura em História. Bolsista assistente de pesquisa do projeto Capacitação e identificação

de bens culturais, junto às comunidades de religiosidade de matriz africana e afro-brasileira mapeadas pelo IPHAN-RR entre os anos de 2016 e 2018, em Boa Vista/RR (UFRR-IPHAN/RR).

LARISSA MARIA DE ALMEIDA GUIMARÃES

Antropóloga no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), na Superintendência do IPHAN no Pará (2012 a 2016) e na Superintendência do IPHAN em Roraima (desde 2016), atua na área de Patrimônio Imaterial com desenvolvimento de trabalhos relacionados ao patrimônio cultural brasileiro. Graduada em Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia, pela Universidade Federal do Pará, e Mestre em Ciências Sociais, área de habilitação em Antropologia, pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (atual Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia), pela Universidade Federal do Pará.

MARIANGELA AGUIAR DE OLIVEIRA

Discente do curso de História da Universidade Federal de Roraima. Bolsista do PIBIC/UFRR. Integra o grupo de pesquisa História Colonial e Ensino de História e atua como voluntária no projeto História e Memória: produção do inventário participativo das comunidades de religiosidade de matriz africana e afro-brasileira mapeadas pelo IPHAN /RR entre os anos de 2016 e 2018 em Boa Vista/RR.

MONALISA PAVONNE OLIVEIRA

Professora na Universidade Federal de Roraima (UFRR). Professora do Mestrado Profissional em História (ProfHistória)/ UFRR. Doutora em História na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em 2016. Pesquisadora Visitante na Universidade de Lisboa (Lisboa/ Portugal), pelo Programa de Doutorado-Sanduíche no Exterior (PDSE), entre 2014 e 2015. Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), em 2010. Bacharel e Licenciada em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), em 2005. Organizou com Maria Clara Ferreira, o livro *Associações religiosas leigas de negros, pardos e brancos nas Minas do Ouro*, em 2015. Colaboradora/ Colunista na Revista Contemporartes Revista Semanal de Difusão Cultural (Qualis B4). Organizadora da Coleção História do Tempo Presente em conjunto com Tiago Siqueira Reis, Carla Monteiro de Souza e Américo de Lyra Jr.. Coordenadora do projeto História e Memória: produção do inventário participativo das comunidades de religiosidade de matriz africana e afro-brasileira mapeados pelo IPHAN/RR, em Boa Vista/RR. Líder do Grupo de Pesquisa História Colonial e Ensino de História. Dedicase a temas relacionados ao Ensino de História e História do Brasil Colonial.

RAÍSSA NATHANA FREITAS BATISTA

Discente do curso de Licenciatura em História na Universidade Federal de Roraima. Bolsista assistente de pesquisa no projeto História e Memória: produção do inventário participativo das comunidades de religiosidade de matriz africana e afro-brasileira mapeados pelo IPHAN/RR, em Boa Vista/RR.

TIAGO SIQUEIRA REIS

Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestre em História Contemporânea pela Universidade Nova de Lisboa. Pesquisador do Grupo de História Global do Trabalho e dos Conflitos Sociais pelo Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa e do Grupo de Trabalho e Orientação (GTO), coordenado pela professora Virgínia Fontes. Membro do conselho editorial da Revista História & Luta de Classes. Estuda a História da saúde pública brasileira contemporânea, História das instituições e das empresas, Estado e poder no Brasil República e História do Tempo Presente. Organizador da Coleção História do Tempo Presente em conjunto com Monalisa Pavonne Oliveira, Carla Monteiro de Souza e Américo de Lyra Jr. Pesquisador-Colaborador no projeto História e Memória: produção do inventário participativo das comunidades de religiosidade de matriz africana e afro-brasileira mapeadas pelo IPHAN /RR entre os anos de 2016 e 2018 em Boa Vista/RR.

JOÃO LUCAS NERY COSTA

Graduando em História pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Integrou o Programa de Iniciação Científica da UFRR, desenvolvendo o subprojeto “História Colonial e Ensino de História: mulheres afrodescendentes e indígenas”. Integra o grupo de pesquisa História Colonial e Ensino de História, coordenado pela profa. Dra. Monalisa Pavonne Oliveira. Atuou como estagiário no Núcleo de Documentação Histórica (NUDOCHIS/UFRR).

ÁBASSÀ D'ANGOLA TÁTA BOKULÊ
ILÊ ASÉ D'YA KAVULLEKIN
ILÊ ASÉ OBÁ D'ALAGUINÃ
ILÊ ASÉ OMÔ ERINLÈ
ILÊ AXÉ YAPÁ OMIMLADÊ
ILÊ ASÉ YÈYE OMI TUNTUN
ILÊ ASÉ YEWALÊ BEMY TÍ'YEMONJA
OYÁ GAMBELE
TEMPLO DE UMBANDA OGUM YARA
TERREIRO DE SÃO JORGE
TERREIRO OGUM DE RONDA



ISBN 858288226-9

